

## RELATÓRIO SUSCINTO DA OPERAÇÃO REGISTRO

### 1. Operações Iniciais.

No dia 19 de abril de 1970, elementos do CIE e do II Ex, informados de que na Região de Capelinha (Município de Jacupiranga) e adjacências existiam bases de Treinamento de Guerrilha Rural, organizaram uma operação de informações com objetivo de destruir as instalações e capturar os terroristas que ali se encontravam.

Chegaram à região no mesmo dia (19) e verificaram que os terroristas haviam comprado duas glebas, sendo uma ao sul e outra do norte da BR 116, esta última na altura do Km 249, região denominada Capelinha, devido ao arroio do mesmo nome.

Em mensagem datada ainda de 19, o Cmt do CACAAé/2 e também da Sub-Área B (na qual está incluída a região de Capelinha) é informado de que naquela região (Município de Jacupiranga) se realizava uma operação de informações, atuando elementos do CIE e do II Ex em trajes civis. A mesma mensagem radiofônica, determinava que elementos do CACAAé/2 se dirigissem para a região para atuarem na área - partindo da BR 116 para o Sul, em direção ao litoral, com a idéia de procurar indícios de outras bases e capturar pessoas suspeitas ou terroristas já conhecidos. Esses elementos iriam em trajes civis e chefiados pelo Ten Cel MERO, Chefe da E2 e no momento, na chefia do EM do CACAAé/2. Esta ordem foi na mesma noite modificada por uma mensagem da 2ª Sec do II Exército, transmitida pelo Ten Cel SCUZA - CARVALHO, na qual se determinava que a ação dos elementos do CACAAé/2 deveria ser feita partindo do litoral para a BR 116, e iniciando-se na região de Iguape e Cananéia.

Às 0330 h do dia 20 Abr o Ten Cel Mero chegava com os elementos da 2ª Sec (reforçados por dois Pel), a Iguape e Cananéia e informou que na passagem por Registro mantivera contato com o Cel ERAR da 2ª Sec EM do II Ex e já tinha tomado conhecimento da modificação da missão inicial e por isso ocupara as saídas das cidades de Iguape e Cananéia, deixando um GC em Pariquera-Açu, ponto de entroncamento das estradas que ligam as saídas do litoral à BR 116.

Com a modificação da missão que se tornou mais profunda, os elementos sob comando do Ten Cel MERO foram reforçados com uma Bia do 6º G A Cos M e um Pel do 2º B C e elementos da Bia Cndo do QG e dois Oficiais do EM do CACAAé/2, os Maj QEMA WANNER DE OLIVEIRA BARCELLOS e JOSÉ AUGUSTO SILVEIRA DE ANDRADE NETTO.

No dia 21, às 1300 horas, houve nova missão para os elementos comandados pelo Ten Cel MERO, agora mais de acordo com as infor-

nações recentes e os Elm do CACAAÉ/2 teriam que barrar as vias de acesso à BR 116 entre as localidades de Cajati e Jacupiranga. Não poderia ser ocupada a R do km 249 da BR 116 onde se desenvolviam as operações comandadas pelo Ten Cel CALDEIRA do CIE. Iniciou-se o deslocamento da Bia do 6º G A Cos M e o Pel do 2º B C para a nova área.

Às 1600 horas do dia 21 o Cmt do CACAAÉ/2 chegou a Iguape para inspecionar os elementos comandados pelo Ten Cel MERO. Toma conhecimento da nova missão dada aos Elm do Cel MERO e da I FAT.

### 1ª FASE DAS OPERAÇÕES

#### 2. Organização do Destacamento de JACUPIRANGA

No dia 23 o General regressou a Santos e recebeu ordem para assumir o comando de todos os elementos em operações na Sub-Área B do Plano SEGIN e no dia 24 às 1145 h, no PC em Jacupiranga, assumiu o comando.

Dirigiu-se à R de Capelinha no mesmo dia para inteirar-se da situação e verificou que as ordens de combate emitidas pelo Ten Cel CALDEIRA (do CIE) para aquela jornada e também para as jornadas anteriores, estavam corretas e que, como estava agindo bem, as operações na área de Capelinha podiam continuar sob a sua direção para não haver descontinuidade nas ações de vasculhamento e patrulhamento que estava realizando.

Seguiu no mesmo dia para Registro onde entrou em contato com o Dst Logístico que ainda não estava totalmente instalado e com o acampamento da I FAT onde se achava o Brigadeiro Hipólito com os helicópteros e alguns aviões T6.

O Brigadeiro já havia estado em Registro no dia 21, na ocasião em que o General esteve inspecionando os elementos destacados em Iguape.

O grande número de mensagens recebidas e expedidas no dia 24 Abr dão uma pálida idéia das atividades do primeiro dia de Comando em Jacupiranga. É preciso notar que o General Comandante compreendeu desde logo as vantagens de manter o PC instalado em Jacupiranga a igual distância do PC avançado em Capelinha e do Dst Logístico em Registro. Além disso Jacupiranga é o entroncamento da BR 116 com a estrada que se dirige a Barra do Braço e Barra do Turvo, passando por Eldorado. Ficava, portanto, em posição privilegiada para controlar o cerco afastado da área. Só existia mais perto de Capelinha uma localidade de nome Cajati que não oferecia as mesmas vantagens de posição quanto às comunicações e transportes. A posição de Jacupiranga quanto ao alcance do rádio era privilegiada. O fato de ficar

situada a 30 km do PC avançado em Capelinha não era inconveniente devido à rede Rádio SSB da Polícia Civil que funcionava como rede de Comando do Dst e que permitia o contato direto entre os PC. - Quanto ao transporte, em Jeep a distância entre os PC podia ser coberta em 30 minutos devido a BR 116 ser pavimentada. Além disso dispunha o Cmdo do Dst de um helicóptero H4 cujo campo de pouso ficava situado dentro da área do PC. Utilizando o helicóptero, o percurso era feito diariamente em 8 minutos de voo de Jacupiranga até o PC avançado de Capelinha.

Todos os dias o General saía do PC de helicóptero às 0900 horas (hora em que a cerração permitia) e ia ao PC de Capelinha, - inteirar-se da situação e dos resultados do patrulhamento anterior e das operações que seriam realizadas naquela dia e no dia seguinte. Ouvia o estudo da situação do E2 e do E3. O Ten Cel CALDEIRA, o Ten Cel MERO e o Maj BARCELLOS permaneciam no PC de Capelinha de dia e à noite e iam se entrosando com as operações inclusive com os pedidos de apoio aéreo.

Os Oficiais do CIE e do Curso de Operações Especiais da Bda Aeroterrestre muito ajudaram as tropas da 1ª/4ª RI e 2ª/4ª RI nas ações de patrulhamento e vasculhamento da área, onde o terreno era extremamente difícil, coberto de mata densa ou floresta e além disso a área era muito extensa.

Verificando que as patrulhas estavam sendo bem coordenadas e fazendo o que podiam para descobrir e destruir o inimigo e - que os Oficiais paraquedistas voluntariamente guiavam essas patrulhas, o Cmdo do Dst passou a preocupar-se mais com a eficiência do cêrco afastado ao longo da BR 116, caminho mais provável e mais fácil para a evasão e difícil de ser vigiado pela grande extensão - desde a divisa com o Paraná (km 309) até Jacupiranga (km 219). (Ver Bol nº 1 - Constituição do Dst).

A linha de cêrco afastado compreendia ainda a EM e W toda a linha do Rio Pardo (cêrco de 25 km) e ao W, de Iporanga a Jacupiranga cêrco de 80 km.

Não havendo elementos para vigiar tamanha extensão de linha de cêrco afastado deu-se prioridade à BR 116, na qual estavam dispostos E1m da Cia PE do II Ex, do km 260 até o 249; elementos da 1ª/5ª G Can 90 AAé que atuavam de Jacupiranga ao km 249.

Na divisa com o Paraná estava montada uma barreira com elementos da 5ª R M. Em Jacupiranga e Registro também foram estabelecidas barreiras rigorosas para identificação de pessoas e revisitas de veículos.

A eficiência dessas barreiras e dos diversos postos da

conseguiu evadir-se pela BR 116 e os que tentaram, embora disfarçando-se e desarmados, foram presos e interrogados. Os terroristas Sgt DARCY e LAVECCHIA deram informações precisas e mostraram as bases ocultas na floresta e tôdas as instalações que tinham na área e forneceram preciosas informações sobre os que estavam na área e o que pretendiam era fugir pela BR 116, reunindo-se inicialmente na região da Torre de Embratel (por onde já haviam saído na área 4 terroristas e uma mulher no dia 19 Abr, tomando a direção de Curitiba).

A captura dos dois terroristas DARCY e LAVECCHIA ocorreu no dia 27 Abr e após essa data prosseguiram as patrulhas na busca incessante de outros terroristas, sem lograr êxito.

Do depoimento dos dois prisioneiros ficou claro que LAMARCA e os outros haviam decidido fugir e só esperariam até o dia 24 quando iniciariam a fuga na direção da Torre e daí para a BR 116.

A linha de cêrco no interior da área de Capelinha era de fácil transposição devido a mata densa que impedia a visibilidade dos postos e das patrulhas. Quem conhecesse a área, poderia se infiltrar e transpor a linha estabelecida dentro da área matosa, mas a linha de cêrco afastado balisada por estradas era de transposição mais difícil porque permitia a visibilidade entre os postos de vigia.

No dia 3 Mai apresenta-se na área a 2ª Cia do 6º R I que substituiu a 1ª Cia do 4º R I na região de Capelinha.

A 2ª/6º R I é determinado que lance um Pel na região de Barreiros (perto da Barra do Turvo) e com a missão de percorrer a mata na direção Barra do Turvo-Capelinha, para verificar se havia indícios de passagem dos terroristas e eliminá-los se conseguisse localizá-los.

Essa patrulha foi acolhida no dia 6, na região de Torre, sem ter encontrado sinal dos terroristas. A escolha da direção de atuação dessa patrulha foi feita com o objetivo de verificar se os terroristas tinham utilizado aquela rota de fuga. Não se escolheu a direção de Braço-Capelinha porque nessa rota, a mata era extremamente densa, como se poderia observar de helicóptero, e muito mais difícil de percorrer pelos fuggitivos que conhecendo o terreno dificilmente a escolheriam porque teriam que transpor a Serra do Descanso para alcançar o Vale do Rio Batatal, também coberto de mata muito densa.

Depois da captura do terrorista LUCENA, (vide o último Relatório feito pelo CACAAÉ/2), um dos fuggitivos que acompanhou LAMARCA, soube-se que a fuga através dessa mata durou cêrca de 10 a 15 dias, para percorrer os 20 Km até o sítio de criação de porcos, 6 Km ao Sul do Areado, onde conseguiram um caminhão para a fuga. Êsses 10

a 15 dias foram necessários porque tiveram que abrir picadas na mata. (Vide depoimento de LUCENA na reconstituição da evasão - Relatório sobre as Operações, remetivo à 2ª R M com o ofício 193-E3 de 19 Out 70, fls 47).

Verifica-se pela reconstituição dos fatos que, realmente, entre os dias 24 e 28 deveriam ter iniciado a fuga da área de Capelinha rumo ao Norte, sendo mais provável que tenham iniciado mesmo a 24 como pretendiam e haviam informado a DARCY e LAVECCHIA.

No dia 7 de maio, devido à falta absoluta de informes, salvo a declaração de prisioneiros de que tinham decidido permanecer na área até o dia 24 ~~de~~ <sup>de</sup> ~~maio~~, e com o intuito de não tornar a operação muito onerosa, o II Exército aprovou um plano de rodízio, em que o grosso da tropa se retirava da área, permanecendo na região apenas a 2ª/6ª R I e elementos da Polícia Militar de S P, que seriam posteriormente substituídos de modo a que ficasse na área sempre uma subunidade.

Foi distribuído o plano de substituição e determinado o redirecionamento dos elementos a quartéis, ficando na área ainda no dia 7 a 2ª/6ª R I, a 1ª/5ª G Can 90 AAé e elementos do QG, comandados pelo Ten Cel MERO, Ch EM do CACAAé/2. No PC avançado de Capelinha o Maj Inf JEMIA BARCELLOS (Adj E3) permaneceria até que a 1ª/6ª R I se integrasse na região e reconhecesse bem a área a seu cargo.

Na área ficou também um helicóptero para atender a pedidos de apoio da 2ª/6ª R I.

O Dst Logístico seria o último a retirar-se e deixaria com a 2ª/6ª R I os víveres necessários para 15 dias. No dia 15 Mai, o 5ª G Can 90 AAé providenciaria a substituição da 2ª/6ª R I por uma de suas subunidades (2ª Bia ou Bia Cndo).

Ficava assim dissolvido o Dst JACUPIRANGA, conforme Bol nº 15 de 7 Mai. No dia 8 Mai às 19,30 h foi recebida uma informação de que sete terroristas haviam passado por Eldorado, e na praça local, trocado tiros com os 6 policiais do Dst local, ferindo 3 deles e prosseguindo em fuga na direção de Eldorado-Sete Barras, utilizando um caminhão civil.

O Ten Cel CALDEIRA do CIE e o Ten Cel MERO, Ch EM do CACAAé/2 que se achavam em JACUPIRANGA, resolveram lançar uma patrulha da 2ª/6ª R I (1 Pel -) ao encalço dos fugitivos e ao mesmo tempo pelo rádio foi determinado que um Pel da 7ª Cia PM em Registro, se deslocasse de Registro para Sete Barras e daí para Eldorado para cercar os terroristas.

O Pel (-) do 6ª R I era comandado por um jovem tenente, mas o Ten Cel MERO resolveu acompanhá-lo tendo em vista que a missão era importante e demandava mais experiência. O Pel da PM que partiu de

Registro era comandado pelo 2º Ten PM MENDES, também sem experiência alguma de combate.

Na estrada Eldorado-Sete Barras, nas proximidades da ponte sobre o Rio Etá, ocorreu o encontro do Pel PM com os terroristas.

O Cmt do Pel PM, por falta de experiência, foi prosseguido com as suas duas viaturas até ser surpreendido ao chocar-se com a viatura dos terroristas que tomaram a iniciativa e abriram fogo, resultando saírem feridos 14 praças da PM SP, tendo os demais homens da PM sido presos e desarmados pelos terroristas que conduziram como refém o Ten MENDES e liberaram as outras praças, permitindo que conduzissem os feridos. Foi constatado que os Oficiais da PM (havia um outro tenente no Pelotão) não tinham idéia de que deveriam parar antes de encontrar os terroristas e armar uma emboscada para surpreendê-los.

Os terroristas depois dêsse entrevero, prosseguiram na viatura e mais adiante a abandonaram por ter atolado na estrada. Continuaram a pé pela margem da estrada em direção a Sete Barras. Quando estavam próximo à bifurcação com a estrada para S. Miguel, avistaram as luzes dos caminhões em que se deslocava o Ten Cel MERO que vinha de Eldorado e abandonaram a estrada entrando no mato à esquerda. O Ten Cel MERO já havia encontrado as viaturas abandonadas e alguns soldados da PM que lhe haviam relatado o insucesso do encontro com os terroristas. Ao chegar à região da bifurcação, confronta-se com as patrulhas do Dst Logístico enviadas para barrar o acesso a Sete Barras. Depois que o Dst Logístico soube do resultado do encontro do Pel PM com os terroristas, lançou duas patrulhas para Sete Barras).

O Ten Cel MERO não tendo conhecimento da ordem para o lançamento das patrulhas do Dst Logístico naquele ponto, supôs que estava frente a frente com os terroristas, daí resultando um tiroteio que cessou logo em seguida, após a identificação dos elementos envolvidos no incidente. A noite escura concorreu para causar o incidente.

Do tiroteio saíram feridos o Ten Cel MERO e um Soldado do 6º R I,

Na noite de 8/9 os terroristas levando como prisioneiro o 2º Ten da PMSP de nome MENDES, estavam nas proximidades do local onde a patrulha do Dst Logístico travou tiroteio com o Pel do 6º R I e por julgarem que tinham sido descobertos embrenharam-se no mato e seguiram o rumo N na direção do Areadinho. No dia dez refugiaram-se numa elevação e assassinam o Ten MENDES a golpes de coronha de fuzil, enterrando-o numa vala (depoimento de LUCENA após a sua captura e quando indicava o local onde enterrara o tenente).

No dia 9 Mai foi lançada uma patrulha da 7ª Cia PMSP e dois

a possível rota de fuga - Sete Barras-Juquiá ou Estrada do Quilombo-Juquiá. A Bia (-) foi deslocada para Sete Barras. Um Pel 4º R I ocupou Eldorado. Nesse mesmo dia chegam a Sete Barras, duas baterias do 6º G A Cos M trazidas com urgência de Santos.

Termina aí a 1ª Fase das Operações

3. 2ª FASE DAS OPERAÇÕES

ORGANIZAÇÃO DO DESTACAMENTO - SETE BARRAS

O II Ex informado dos fatos ocorridos no dia 8 mai, achou por bem reconstituir o Dst, e na mesma data à noite o Gen Coutinho, respondendo pelo Comando do II Ex, em mensagem radiofônica informou ao Gen Paulo que deveria regressar a Registro e assumir o Comando das Operações.

No dia 9 mai pela manhã o Gen Paulo desloca-se de avião para Registro e assume o Comando para reorganizar o Dst agora com o nome de Destacamento Sete Barras.

No dia 10 um oficial do 6º G A Cos M prende o terrorista - JAIR na Estrada de Eldorado-Sete Barras.

ESCOLHA DO P C

Examinada a situação resolve estabelecer o seu P C em Sete Barras, instalação que foi ultimada no dia 11 com a rede de Comunicações rádio em funcionamento.

Enquanto não estava montado o P C em Sete Barras, o P C funcionou em Registro, no local onde estava o Dst Logístico cujas comunicações já estavam montadas e em funcionamento.

A localidade de Sete Barras estava adequada para instalação do P C devido a pequena distância da área onde estavam se desenvolvendo as operações. O P C ficou instalado num clube da colônia nipo brasileira, uma instalação simples mas que satisfazia as condições mínimas para o funcionamento do EM. Próximo, junto à igreja local, uma área foi julgada boa para instalar o pessoal do grupo de helicópteros e um campo de pouso bem aceitável foi escolhido também junto à igreja.

ALTERAÇÃO NA ZONA DE AÇÃO DA SUB-ÁREA B

No mesmo dia 11 mai, o Cmt II Ex envia um radiograma alterando o limite entre as sub-áreas B e D, ampliando a Zona de Ação da Sub-área B cujo limite foi deslocado para o N até a linha balisada pela estrada Ibiúna- S Miguel Arcanjo-Aptraí, inclusive. Nessa mesma mensagem passa o 2º RO 105 a reforçar o Dst Sete Barras e designa 3 oficiais do EM do II Ex para integrarem o EM do Dst.

Os oficiais chegam no dia 12 e são o Cel Inf Queiroz, o -

Ainda no dia 11 a 1ª/4ª RI chega a área, procedente de São Paulo. O 6º G A Cos M (duas Bias) recebe a missão de vasculhar a área ao lado da 1ª Cia do 4ª RI, partindo da estrada do Banco na direção Sul até a transversal do Areadinho. Essa missão não termina no fim da jornada.

As 16 horas foi prêso por elementos do 2º RO 105 o terrorista NOBREGA na estrada Sete Barras-S Miguel Arcanjo.

A 11/2ª RO 105 que havia chegado a área no dia 10 ocupando a reserva florestal, Mamparra e Ribeirão da Serra, recebe ordens de ocupar a linha balizada pela estrada do Banco e estabelecer barreiras em Ribeirão da Serra e Mamparra.

No dia 12, a 1ª/4ª RI e o 6º G A Cos M prosseguem na sua missão. Um Pel do 5º G Can 90 é incumbido de vasculhar a cavaleiro da estrada do Quilombo. Elementos civis em canoas foram lançados para vigiar as confluências dos rios Juquiá-Ribeira e Quilombo-Juquiá.

A noite a partir das 20 horas foi feita uma reunião dos Comandantes de subunidades e unidades no P C em Sete Barras para estudo da situação e designação de missões para a jornada seguinte.

No dia 13, a 1ª/4ª RI ocupou a estrada do Areadinho. A Cia do 6º RI foi deslocada de Eldorado para Sete Barras e ficou aguardando ordens. Um Pel Fz Navais, ocupou a foz do Quilombo, a do Juquiá e a ponte do Rib Fundo.

Neste período planejou-se a operação Macuco, traduzida na O Op nº 1 e que consistia em vasculhar uma área compreendida ao N pela estrada do Banco, ao Sul pela estrada do Areadinho, a E pela estrada do S Miguel e a W por uma linha paralela à estrada de S Miguel distante 5 Km desta e balizada por trilhas.

#### SITUAÇÃO DO INIMIGO

Com a prisão do terrorista LUCENA, ocorrida muito tempo depois de terminadas as operações, ficamos sabendo que a O Op nº 1 estava bem planejada, porque realmente o esconderijo deles ficava situado dentro da área a vasculhar atribuída a 2ª Cia do 6º RI. A falta de experiência e as dificuldades do terreno por certo influenciaram para que a execução não fosse bem sucedida. A posição que os terroristas ocupavam estava bem próxima à base de partida da Cia do 6º RI.

Vejamos qual foi a atuação do inimigo durante o período de 8/9 até o dia 19 Mai.

Na mesma noite, 8/9 mai os terroristas conduzindo o Tenente MENDES como prisioneiro, estavam nas proximidades do local onde a patrulha do Dst Logístico travou o tiroteio com o Pel do Ten Cel Mero e por julgarem que tinham sido descobertos deixaram a estrada (o objetivo deles era alcançar a estrada de S Miguel Arcanjo e seguir



a região de Areadinho.

No dia 9 prosseguem na direção N descansam na noite de 9/10. No dia 10 o grupo de terroristas atinge a região do Areado, pela manhã. Reconhecem o local, escolhem um refúgio sob uma pedra no alto de uma elevação e na orla de uma mata densa. LAMARCA, resolve, matar o Tenente MENDES, julgando que o tiroteio travado entre as duas patrulhas do Exército (anteriormente citado) tinha sido dirigido contra eles e que fôra o Ten MENDES que mandara recado pelos elementos feridos e evacuados, para prepararem uma emboscada. LAMARCA supõe também que dois dos seus homens JAIR e NOBREGA tinham perecido no tiroteio caído prisioneiros. (Na realidade JAIR e NOBREGA se perderam na confusão do tiroteio que nem sequer era dirigido contra eles, e vieram a ser presos dias depois).

Para matar o Ten MENDES, o terrorista FUGIMORE o ataca pelas costas com a coronha de um fuzil e o terrorista ARAUJO o ajuda nesse assassinato bárbaro.

Os terroristas CARLOS, LUCENA e ARAUJO cavam a sepultura e enterram o tenente nas proximidades do abrigo que haviam escolhido.

Do dia 10 a 18 Mai inclusive, permanecem no local (Região do Areado), orientando-se com uma carta e bússola, alimentam-se com abacaxis furtados à noite. Não saem do esconderijo temendo a ação das patrulhas na área. Do esconderijo podiam avistar a base estabelecida pela Cia do 4º RI que ocupava a região do Areado.

Voltemos agora a examinar o que fizeram no período de 14 a 18 Mai os tropes do Dst Sete Barras.

Dia 14 Mai. O período foi ocupado na preparação da operação Macuco (O Op nº 1 de 14 Mai). Na véspera numa reunião à noite no P C do Dst, foi feito estudo da situação, comunicou-se a missão de cada elemento e se fixou para início do dispositivo às 09 00 hs do dia 15. Permitiu-se os reconhecimentos dos escalões subordinados.

A jornada de 15 foi utilizada na execução da operação planejada. Nenhum informe foi obtido sobre o inimigo na jornada. No fim da jornada foi planejada a operação Quilombo que previa o vasculhamento da área limitada a E pelo Rio Quilombo, a W pela estrada S Miguel, ao N pela fonte do Rib da Serra e ao S pelo entroncamento S Miguel-Quilombo.

Dia 16 Mai. A operação Quilombo foi iniciada às 09 00 hs (O Op nº 2 de 15 Mai) durou até às 18 00 hs mas os relatórios das patrulhas foram negativos sobre indícios do inimigo. Hoje sabe-se que realmente não poderia ter encontrado o inimigo que permaneceu no seu refúgio anteriormente descrito, mas havia necessidade de vasculhar o terreno a W e a E da estrada de S Miguel.

As 17 00 hs chega ao 9G um informante declarando ter visto

ceito do informante que era bom, mas o excesso de detalhes sobre as pessoas que descrevia deixaram em dúvida os oficiais da 2ª Seção sobre a veracidade do informe. De qualquer forma como desde o dia 8/9 não havia notícia do inimigo e o Cmdo Dst imaginou que se retirasse a tropa da área onde julgava que ele estava, talvez ele aparecesse e fosse assinalado.

Resolveu-se então retirar a 1ª/4ª RI da região do Areado para executar a operação Votupoca que serviria como operação diversionária e ao mesmo tempo verificaria o informe que se verdadeiro iria acarretar uma mudança completa na área de cerco porque significaria que o inimigo retrocedera para o Sul e atravessara o Rio Ribeira de Iguape.

Convem aqui focalizar que diversos informes chegavam ao PC todos os dias e que tinham que ser processados o que demandava tempo pois nessas ocasiões pessoas bem intencionadas, mas nervosas, declaravam ter visto terroristas em toda parte.

As 23 00 hs foi dada ordens para execução da Operação Votupoca.

A O Op nº 3 - Op Votupoca, de 17 Mai 70 consistia em um cerco e um reconhecimento.

O cerco seria feito a W pela 2ª/6ª RI, ao Sul pelo 6º GACOM e ao N do Rio Ribeira de Iguape pelo 5º G Can 90. O reconhecimento da elevação denominada Morro do Votupoca ficaria a cargo da 1ª/4ª RI.

O 2º RO 105 ficou vigiando a estrada S Miguel-Sete Barras.

Dias 17 e 18 Mai. Este período foi utilizado na execução da Op Votupoca.

As 20 00 hs do dia 18 - chega ao PC a informação de que os terroristas tinham aparecido na estrada do Areado, pedido comida e comprado mantimentos, e que um Sgt do 2º RO 105 avisado por um civil fôra até o local mas ao aproximar-se com os faróis da viatura acesos fez com que eles fugissem apressadamente e devido a escuridão não puderam ser encontrados.

Realmente LUCENA confirmou no seu depoimento e reconstituição dos fatos, que no dia 18 Mai resolveram, ao escurecer, ir até a Xiboca situada na estrada do Areado, comprar mantimentos e que LAMARCA E FUGIMORE pediram uma refeição, fugindo à aproximação de uma viatura militar que veio de faróis acesos. O aqodamento da patrulha prejudicou o resultado da ação.

As 23 00hs foi expedida ordem aos elementos subordinados para retornarem da região de Votupoca onde haviam terminado o reconhecimento.

Dia 19 Mai. A 01 00 h é transmitida oralmente a O Op confirmada às 02 00 hs do mesmo dia e que determinava um cerco a N na

estrada S Miguel-Sete Barras pela 2ª Via/5ª G Can 90.

A operação iniciou-se às 06 00 hs e terminou às 17 00hs, com resultados negativos sobre a presença do inimigo.

Vejamos o que fez o inimigo nessa jornada

Dia 19 Mai. Temendo uma busca minuciosa na área onde haviam se revelado, deslocaram-se para NW por dentro da mata e depois de uma jornada de marcha encontraram um sítio abandonado. Nos dias 20 e 23 marcham na direção geral Areado-Formosa.

No Dia 20 Mai. foi expedida a Ordem de Op nº 5 que previa o bloqueio de todas as vias de fuga e ocupação dos pontos onde pudessem obter meios de subsistência. Ao mesmo tempo seria intensificada a busca de informes.

No Dia 21 Mai prosseguiram as buscas e a ação das patrulhas.

No Dia 23 Mai Planejou-se uma operação diversificada que não chegou a ser executada porque no dia 23 às 13 00 hs foi assinalada a presença do inimigo nas proximidades da estrada do Banco a procura de alimento. As 16 00 hs acionaram-se as patrulhas visando cercar a área suspeita ao mesmo tempo que se tomava dispositivo para impedir que atravessassem a estrada do Banco.

O depoimento dos terroristas, na reconstrução dos fatos, diz que as 17 00 hs do dia 23 eles chegaram a um chazal e que FUGING RI é incumbido de falar com um colono japonês e pedir mantimentos. Os sítios desconfiam e mandam avisar os elementos do 2º RO 105 que estavam na estrada do Banco.

O 2º RO 105 inicia o cerco da área com as suas patrulhas e tenta localizá-los sem resultado porque os terroristas entram na mata e retornam rapidamente ao sítio abandonado que já conheciam e onde passaram a noite.

No dia 24 Mai prossegue a busca sem resultados positivos. Chega a Sete Barras a Cia Ptr do I/4º RI e fica em reserva. Os oficiais são conduzidos a um reconhecimento da área feito de helicóptero e depois a percorrem de Vtr.

Nesse dia é distribuída às 15 00 hs a O Op nº 6.

No dia 25 Mai o dispositivo fica pronto às 15 00 hs. Ativam-se as buscas com as patrulhas guiadas por civis e mateiros.

Nesse dia os terroristas declararam que atravessaram a estrada do Banco a W do Rio Dois Irmãos e depois atingiram uma clareira perto do rio onde há um arrozal, roubaram o arroz, e entraram em contato com um rapazola a quem ameaçaram, mas dão dinheiro para comprar e trazer mantimentos no dia seguinte, quando devia retornar para entregar no mesmo local os mantimentos pedidos. O rapaz (Xiboca) mostra o dinheiro recebido e conta que foi ameaçado. É ouvido

estão descritos no anexo nº 2, do relatório do II Ex.

No dia 26 Mai. Os terroristas ao avistarem a patrulha, fogem, refugiam-se na choça de palmitero e daí prosseguem sem descanso rumo ao N. Pernoitam 26/27 no mato.

Ainda no dia 26 Mai. Verificando o Cmt do Dst que os terroristas já haviam ultrapassado a estrada do Banco, determina ao 2º RO 105 Ref com a Bia do 5º G Can 90, que se desloquem para o corte do Quilombo sem perda de tempo para impedir que transponham aquêle Rio. Essas ordens verbais são depois confirmadas na O Op nº 7.

Nêsse mesmo dia o Cmt Dst estabelece um PC avançado na estrada do Banco, nas proximidades da Chiboca do Nagano. Esse P C funcionava em uma barraca de madeira do 6º G A Cos M. O Cmdo do Dst pessoalmente sobrevôa a área de helicóptero e verifica o dispositivo ao longo do Quilombo, advertindo o Cmt do 2º RO 105 sobre a importância de manter atento os soldados ali postados e da vigilância na estrada da reserva Florestal. O Chefe do LM e o E/3 permaneceram inclusive à noite naquêle P C avançado.

No dia 27 e 28 Mai prosseguiram as buscas e o patrulhamento, partindo da região do arrozal onde tinham sido vistos os terroristas pela última vez.

No dia 29 Mai a F A B bombardeia as regiões de alturas cobertas de mato, ao Sul do Quilombo e onde poderiam ter se refugiado os terroristas.

No dia 30 Mai A ordem de Op nº 7 confirma as ordens dadas desde o dia 26 para deslocar o cêrco para o corte do quilombo e manda vigiar Mamparra e a estrada da reserva Florestal inclusive.

Vejamos a ação inimiga nos dias 27, 28, 29 e 30.

No dia 27 atingem o morro que domina o vale do Quilombo, reconhecem e transpõem o Quilombo, rumam pelo vale em direção ao N, e dormem no mato 27/28.

No dia 28. alcançam a trilha da reserva florestal e atingem a região do Km 235, observam o casario e a tropa em Mamparra (Bia do 2º RO 105), desbordam a localidade, atravessam a estrada de S Miguel-Sete Barras e escolhem um refúgio num grotão situado a cêrca de 1 Km do acampamento da Bia Serviço do 2º RO 105.

No dia 29. Reconhecem um local onde dominam a estrada a observam o tráfego.

No dia 30 O terrorista "CARLOS" (Faria Lima), como tinha os documentos em ordem, recebe a missão de buscar mantimentos e fazer o plano de fuga. O grupo está esgotado.

No dia 31 CARLOS vai comprar mantimentos e não regressa porque foi detido em Taquaral por um Cabo da PM que o solta depois de ver os documentos. Foi considerado suspeito de estar a serviço

Vendo que CARLOS não aparecia, LAMARCA manda ARAUJO e este tenta comprar laranjas num sítio perto mas é considerado suspeito pelo sitiante que o denuncia depois que lhe dá as laranjas. O Grupo decide abandonar o local levando somente a INA e os revólveres deixando os FAL escondidos no refúgio.

Resolvem ir para a estrada pedir carona mesmo com o risco de serem presos pois estavam desesperados.

LEO? LUCENA avista o caminhão Mercedes do 2º RO 105, pede carona, os outros três estão escondidos na orla da estrada. O caminhão para e o grupo ataca subjugando o Sgt KONDO e os 4 Soldados que estavam desarmados.

O grupo empreende a fuga para S Paulo, passando por Taquaral, S Miguel, Tatui e Rodovia Castelo Branco.

Os pormenores do sequestro da Vtr e da fuga estão descritos no Anexo nº 3 do Relatório do II Ex.

No dia 31 Mai somente às 18 30 hs chega ao P C do Dst o informe de que LAMARCA estaria próximo de Abaitinga (Taquaral) e que o 2º RO 105 estava processando o informe. Imediatamente foi expedida ordem para fechar a entrada de S Miguel Arcanjo, e mandar uma patrulha para Capão Bonito (4º RI) e outra para Pilar do Sul (PMSP).

Patrulhas de caminhões civis são mandadas para a estrada S Miguel-Sete Barras para patrulhar o trecho entre o Km 200 e 235, a fim de emboscarem os terroristas que porventura pedissem carona.

O Adjunto do E/2 é mandado investigar junto ao 2º RO 105 a veracidade do informe e ajudar o processamento.

Somente a 1º Jun a 01 00 hora é que chega a informação no P C, do sequestro da viatura do 2º RO 105 e da fuga para S Paulo (Ver anexo 3. Sequestro da Viatura)

#### RESULTADOS DA 2ª FASE

Ao terminar a 2ª fase, com a dissolução do Destacamento Sete Barras, verificou-se, que tinha-se conseguido, durante as operações destruir as áreas de treinamento do inimigo apesar de todas as condições adversas. Foram prêzos os 4 melhores auxiliares de LAMARCA e que eram: os ex Sgt DARCI e NOBREGA e ainda LAVECHIA e JAIR. Foi apreendido todo o material existente nas bases Jeremias e Zanirato, inclusive todos os FAL que possuíam. O anexo nº 1 do relatório do II Ex relaciona parte do material apreendido.

A operação serviu para demonstrar que essa nova tentativa de implantar a guerrilha rural fracassou inteiramente.

Os quadros e a tropa adquiriram uma experiência que dificilmente pode ser obtida em exercícios porque limitações de ordem econômica impedem a realização de exercícios de tão longa -

sinamentos comprováveis aos que se adquiriu na Operação Registro.

É certo que a tropa cometeu muitos erros na execução das ordens recebidas, mas esses erros foram fruto da falta de instrução adequada, porque incorporados os homens em 15 de janeiro, estavam ainda no terceiro mês de instrução.

Quanto aos quadros de subalternos e Sgt, os erros foram numerosos porque as Unidades não dispõem de subalternos oriundos da AMAN. Quase todos são oficiais R/2 que são substituídos anualmente ao término do estágio.

Os Sgt das Unidades de Artilharia não sabiam comandar os GC, e isso levou os Capitães e até Oficiais Superiores a comandar as patrulhas e pelotões.

As Unidades de Infantaria também revelaram sérias deficiências pela falta de exercícios no terreno particularmente difícil.

Os soldados ainda não tinham realizado o tiro instintivo e o tiro automático com o FAL, previsto nos programas de instrução para depois do terceiro mês de instrução.

A falta de campos de instrução é um dos principais obstáculos a ser vencido para aperfeiçoar o aprendizado dos quadros da tropa.

Foi sugerido ao II Ex que se instalasse um campo de instrução na área onde se desenvolveram as operações.

É preciso também esclarecer que o efetivo máximo com que contou o Dest Sete Barras foi do valor de 8 Cias sendo 2 Cias do 4º RI, 1 Cia do 6º RI, 2 Bns do 6º e 1 Cos II, 2 Bns do 2º RD 105 e 1 Cia da RI do S paulo. Esta última só podia ser empregada em barreiras nas estradas.

Em resumo o Dest não era uma brigada como pode parecer, não passava de um Btl reforçado.

A falta de meios de comunicação prejudicou a eficiência da tropa em operações e se não fôsse a utilização dos meios da Secretaria de Segurança (Polícia Civil) não teria sido possível o comércio do Cndo. O II Ex necessita do seu Btl do Com, sem o que terá sérias dificuldades em outras ocasiões que porventura ocorram.

Um ponto alto do exercício foi a cooperação de I FAT com os helicópteros e os aviões T6, que nos trouxe grande ensinamento para a coordenação de fogo e emprêgo dessas aeronaves num tipo de operação e em terreno coberto pela mata densa ou floresta. A versatilidade dos helicópteros é surpreendente. A FAB não mediu sacrifícios nem despesas para apoiar as operações e ao final achou compensador o resultado porque adquiriu experiência e instruiu o seu pessoal.


O funcionamento das Informações foi bom considerando que a tropa poucas ocasiões tem de exercitar-se na coleta e processamento

É preciso também lembrar que as equipes de informações das Unidades são reduzidas a um oficial e um sargento, e o próprio .... CACAAé/2 tem apenas 1 Ten Cel e 2 Sgt no seu efetivo.

O Dst só pôde processar todos os informes que recebia por que contou com os delegados do DOPS e com uma valiosa equipe do CIE que se desdobrou na tarefa de processar informes e elaborar os estudos de situação sobre o Inimigo.

Algumas agências de informações das Unidades, por exemplo a do 2º RO 105, não transmitiram os informes de combate, obtidos na sua área, com a rapidez necessária, procuravam processar primeiro os informes para depois transmiti-los, isso prejudicou o resultado final das operações. Mas erros como êsses são comuns mesmo na guerra na fase em que ainda não se adquiriu a expediência de combate. Sucedeu também na campanha da Itália que as Unidades retardavam a remessa de informes para mandá-los no final da jornada e esse procedimento de rotina pode ser perigoso em determinados casos.

Finalmente é preciso que tenhamos em mente que as condições em que foi a tropa empregada teriam que surgir os erros e os ensinamentos dêles decorrentes acreditamos foram valiosos, particularmente para os pequenos escalões, pelotão e Cia, que são os elementos que em última análise executam as operações.



## COMENTÁRIO SOBRE O APÓIO LOGÍSTICO

### 1. O Custo de Operação

O custo de operação Registro (1ª e 2ª fase) foi calculado em Cr\$ 337.425,63, mas dêste custo é necessário abater despesas que seriam realizadas mesmo que as unidades estivessem no quartel, como é o caso dos Sup classe I. Além disso a classe V - Cr\$ 35.250,76, não foi propriamente despesas porque a munição foi fornecida às OM mas não foi consumida e algumas OM nem retiraram os pedidos feitos. Assim sendo, a despesa fica reduzida a Cr\$ 337.425,63 menos Cr\$ 200.190,74 que é igual a Cr\$ 137.234,74. Dessa importância ainda é preciso considerar que Cr\$ 38.578,15 foram gastos em peças e acessórios para viaturas, despesas necessárias para a manutenção das viaturas e que se não fossem gastos pelo Dst Logístico, o seriam pelas OM.

Resta a parcela de Cr\$ 64.172,00 consumida em óleo e gasolina fornecidos pelo DRMM/2 em espécie e que puderam ser retiradas das quotas eventuais do II Exército e da 2ª RM.

### 2. O apóio das Comunicações

A inexistência de um Btl de Comunicações no II Exército causou grandes dificuldades para o exercício do Cmdo, que teve que utilizar a rede rádio da Polícia Civil com evidentes prejuízos para o sigilo ou perda de tempo para utilizar um código.

### 3. O apóio aéreo

O apóio aéreo foi muito eficiente e a cooperação da FAB e coordenação das ações quase perfeita.

## C O N C L U S Õ E S

Nas conclusões constantes do relatório do II Exército, fls 16, há uma observação sobre o emprêgo precipitado da tropa pelo pessoal que se encontrava na área.

Essa expressão com certeza refere-se aos elementos do CIE e do II Ex que se encontravam na área nos primeiros dias 19 e 20, e não ao Dst que foi constituído a 23 de abril.

A constituição do Dst foi determinada pelo II Ex, não cabendo ao Cmt Dst julgar se era ou não o caso de resolver a situação através de ação policial, deixando de empregar a tropa.

#### - Informações de Sub-área

O relatório fls 17, reconhece que a 2ª Secção do CACAAÉ/2 dispunha de apenas 1 Oficial e 2 Sgts não tendo meios para informar-se da instalação de uma base de terroristas e situada no extremo da sub-área I a quase 300 Km de distância.

#### - Aspectos táticos

As conclusões de fls 17 e 18 do relatório do II Ex se referem aos



áreas e os meios para realizar as operações de cêrco e vasculhamento. Na realidade era preciso que o Dst tivesse um efetivo muito maior para realizar um cêrco em área tão vasta.

Para dar profundidade ao cêrco seria preciso maior efetivo. A linha de cêrco por deficiência de efetivo era constituída de pontos de possível passagem e os terroristas em fuga conseguiram passar entre 2 dêsses pontos.

#### Sigilo das Operações

O sigilo das operações foi mantido, impedindo-se a imprensa de penetrar na área, o que não impediu que alguns jornais publicassem informações sôbre as operações, mas o Dst não tinha atribuição para censurar artigos de jornais editados em S. Paulo, Paraná e Guanabara.

O silêncio que devia ser mantido, o disfarce de Vtr e outras medidas que a tropa devia tomar foram prejudicadas em algumas ocasiões - pela falta de instrução da tropa, mas eram imediatamente corrigidos pelos oficiais.

As senhas e contra-senhas foram estabelecidas e distribuídas às Unidades para serem divulgadas diariamente. O Sgt KONDO do 2º RO 105, por imprudência, tinha as senhas escritas no seu bôlso e o papel foi encontrado pelos terroristas quando se apossaram da sua blusa VO. A covardia o impossibilitou de fazer qualquer sinal ao Sgt da sua Unidade (o 2º RO/105), demonstrando que se achava subjugado pelos terroristas.

#### Informações

O relatório pag 19, faz referência à duplicidade de agências de informação, em Jacupiranga e em Sete Barras.

É preciso esclarecer que a área era muito grande e havia necessidade de ter agências colhendo informações em Registro, em Jacupiranga, Eldorado e Sete Barras, mas tôdas as informações eram enviadas para Jacupiranga, onde estava localizado o E/2, utilizando as instalações da Delegacia de Polícia local. Em Sete Barras, o Adj E2 Maj BRISSAC do II Ex, fazia as vêzes de S2 do Regimento, colhendo dos S2 de OM e dos Cmt de Subunidade isoladas às informações de combate enviando-as ao E2 pelo rádio ou por mensageiro. Em Registro havia uma barreira da PM que enviava os detidos, suspeitos ou sem documentos à Delegacia local, onde um Delegado do DOPS fazia a triagem enviando a Jacupiranga, ao E2, os que precisavam ser interrogados.

A Jacupiranga eram também encaminhados os detidos pela PM na barreira ali existente. Em Eldorado elementos do CIE e do II Ex estabeleceram também uma agência de informações. Tôdas as agências estavam permanentemente ligadas pela rêde rádio. Não havia portanto, por parte dos elementos de informação, desconhecimento global da situação.

A detenção de um suspeito por um cabo da polícia local logo a seguir liberado, por estar com os documentos em ordem, não foi comunicada - imediatamente ao I/2º RO 105, e quando o Cmt do 2º RO 105 enviou um Maj e uma equipe para procurar o suspeito, este não foi mais encontrado. Tratava-se de um terrorista (Faria Lima) que tinha vindo a Taquara procurando alugar um carro.

Também o PC em Sete Barras não foi avisado a tempo do informe por que o 2º RO 105 resolveu processá-lo primeiro, quando deveria transmitir o informe e em seguida prosseguir no processamento. O informe sobre a Vtr 2º RO 105, cuja cisterna estava abandonada na estrada, - também foi transmitida com grande atraso e somente depois que o Regimento verificou ter sido sequestrada a Vtr e passado por S. Miguel - Arcajo, a 80 Km de distância de Sete Barras. Esse informe chegou ao PC às 18,30 hs, quando a viatura foi sequestrada às 15,00 hs.

É preciso considerar entretanto que essas falhas acontecem por - falta de experiência de combate e falta de instrução no campo, onde o funcionamento das informações é simples e regulado pela Direção do exercício, quase sempre em mensagens anteriormente preparadas e distribuídas em horário pré-fixado. Só uma manobra de dupla ação, livre, poderá dar um ótimo treinamento para o funcionamento das informações em combate.

#### Barreiras

A instalação das barreiras foi feita corretamente, inclusive estava protegida por Mtr e obstáculos. No caso de Eldorado não havia barreira nenhuma. Os 6 soldados da PM que estavam na cidade interpelaram na praça, um caminhão para identificação de seus ocupantes pois tiveram informação de que eram terroristas. Os terroristas atiraram nos soldados, feriram 3 deles e prosseguiram rumo a Sete Barras. Não houve falha de colocação de barreiras portanto e o relatório apenas quis ressaltar a falta de instrução dos policiais e a sua ingenuidade ao abordar terroristas. Salvou-se no incidente a coragem que êsses policiais demonstraram respondendo ao fogo dos terroristas que só - passaram depois de tê-los posto fora de combate pelos ferimentos recebidos.

#### Exercício de Comando

O relatório do II Ex (pag 22) reconhece as dificuldades que teve o Gen Cmt do Dst constituído de subunidades pertencentes a Unidades diferentes e que não eram subordinadas orgânicamente ao CACAAé/2 como é o caso das 1ª e 2ª Cia do 4º RI, 2ª Cia do 6º RI, o I/2º RO 105, PMSp, etc. Somente as 2 Bias do 6º G A Cos M e 1 Bia do 5º G Can 90- eram orgânicas do CACAAé/2.

Não tinha pois o Cmt Dst responsabilidade pelas deficiências de

tipo de operação. Somente o 6º G A Cos M havia realizado exercícios de contra guerrilha e tiro instintivo por ter adiantado a sua instrução.

As Unidades dotadas de FAL ainda não haviam realizado o tiro automático com as suas armas, talvez por deficiência das instalações de instrução (estandes de tiro) ou por problemas de dotação de munição.

A falta de campos de instrução não permite a tropa instruir-se como era de desejar.

### Considerações Finais

Na pag 25 o Cmt do II Ex é taxativo quando afirma: "julgar, como pretendem alguns, o resultado de uma operação militar pela evasão de quatro fugitivos, em circunstâncias muito especiais, não se coaduna com o bom senso e é simplesmente ridículo. Destruímos a organização incipiente do inimigo, apossamo-nos de suas área de treinamento e aprisionamos vários de seus principais elementos, apesar de tôdas as condições adversas, é a mata densa, a extensão da área, a instrução da tropa, o equipamento deficiente, o armamento obsoleto e inadequado. Nossa tropa a medida que o tempo passava, melhorava sensivelmente, particularmente no aspecto moral, o que aumenta a nossa confiança em sua capacidade de reagir positivamente às circunstâncias adversas, sendo apenas necessário aprimorar a sua formação. A experiência adquirida foi palpável e nos permitiu, desde já, levantar vários erros de estrutura e de instrução, propiciando a sua melhoria. Permitiu-nos sentir a inadequação de alguns equipamentos e suprimentos, aconselhando-nos, desde logo, a adotar medidas para melhoria de seus padrões. Conseguimos, de modo magnífico, realizar uma positiva integração do Exército, Aeronáutica e Marinha, reforçando a confiança mútua já existente entre nós. Parece-nos que a Operação Registro deixou um saldo francamente favorável".

Em outro trecho S. Excia diz: "Sabemos que deixamos de obter uma vitória total pelo aprisionamento de todos os terroristas, mas essa vitória nunca se sentiu ameaçada pela ação do inimigo. Foi apenas decorrente da falha de um só homem que não cumpriu as medidas de segurança recomendadas, por covardia, não aproveitou as oportunidades que o destino lhe ofereceu, impedindo que se conseguisse a destruição total do inimigo."

Estas palavras com que S. Excia o Cmt do II Ex finalizou seu relatório são provas evidentes que nenhuma culpa cabe ao Cmt do Dst ou a Cmt de OM, pelo fato de não terem sido capturados ou eliminados todos os terroristas e de que somente uma causa fortuita permitiu que se evasassem após 42 dias de cerco. As falhas que ocorreram foram devidas a execução defeituosa por parte dos pequenos escalões da tropa que -

das, seriam, como o foram, muito difíceis de serem evitadas.

Todos aquêles que tem alguma experiência de combate ou mesmo de exercícios sabem que a execução nem sempre corresponde ao que foi planejado ou ordenado, pois circunstâncias diversas inclusive o inimigo, o terreno e até mesmo as condições metereológicas influem poderosamente prejudicando a execução correta da operação em curso.

A campanha da FEB na Itália nos deu exemplos frisantes da diferença entre aquilo que se planeja e deseja e o resultado alcançado no combate.

Finalmente nada há no relatório que indique deficiência do Cmdo na Operação.

MINISTÉRIO DO EXÉRCIO  
 I I    E X É R C I T O  
 QUARTEL            G E N E R A L  
EM G / 3ª S E Ç Ã O

RELATÓRIO DA OPERAÇÃO REGISTRO

Í N D I C E

	pág	
FINALIDADE .....	1	1
DESENVOLVIMENTO DAS OPERAÇÕES .....	"	1
a. Antecedentes .....	"	1
b. 1ª Fase - Operações na Região de CAPELINHA .....	"	5
c. 2ª Fase - Operações na Região da 351ª BARRAS .....	"	10
d. Apoio Logístico .....	"	14
e. Apoio de Comunicações .....	"	14
f. Apoio de outras Forças .....	"	15
3. CONCLUSÕES .....	"	15
a. Considerações Preliminares .....	"	17
b. Principais Ensinaamentos colhidos no desenvolver das operações .....	"	25
c. Considerações Finais .....	"	
ANEXO nº 1 - Relação do material mais importante apreendido na 1ª Fase das Operações		
ANEXO nº 2 - Relato sobre a Patrulha do RIO DOIS IRMAOS		
ANEXO nº 3 - Relato sobre o Sequestro da Viatura do 2º RO 105, por LAIARCA e outros.		

São Paulo, SP, 20 Jun 70

RELATÓRIO DA OPERAÇÃO REGISTRO

*Extensão*

1. FINALIDADE

O presente relatório destina-se a apresentar ao EME um resumo histórico dos acontecimentos e levantar os principais problemas e ensinamentos decorrentes da OPERAÇÃO REGISTRO.

2. DESENVOLVIMENTO DA OPERAÇÃO

a. Antecedentes

Informações obtidas de elementos subversivos presos na área do I Ex, admitiam a existência de um sítio na BR-116, próximo a JACUPIRANGA, utilizado pela VPR como área de treinamento de guerrilhas.

b. 1ª Fase - Operação na Região de CAPELINHA

(1) Duração: 19 ABR a 09 MAI 1970

(2) Características da área:

De maneira geral, a área é montanhosa, onde se destacam as SERRAS DO ALEIXO e DO DESCANÇO. Na SERRA DO ALEIXO nasce o RIO CAPELINHA que com o RIO JACUPIRANGUINHA formam o RIO JACUPIRANGA.

A BR-116 corta a zona onde se desenrolaram as operações, no sentido N - S.

A área é coberta por vegetação densa, de alto porte e de difícil permeabilidade, limitando os movimentos somente através das trilhas e picadas.

A observação tanto terrestre como aérea é extremamente dificultada, o que facilita o homízio no interior das matas.

São abundantes na área, bananeais e palmitais possibilitando a sobrevivência nela por algum tempo.

(3) Organizações que atuaram na área - Efetivo médio

O M	OFICIAIS	PRAÇAS
CACAAé .....	4	36
C I E .....	3	5
2ªSec/II Ex .....	2	1
2º R O 105 .....	20	314

O M	OFICIAIS	PRAÇAS
1º/6º R I .....	5	170
5º G Can 90 AAé .....	5	183
2º B P E .....	5	39
2ª Cia Com .....	1	28
P M E S.P .....	2	131
2º B C .....	1	32

*Excluído*

(4) Evolução dos acontecimentos :

O primeiro informe, vindo do CIE para o II Ex, às 1300 hs do dia 17 ABR - 6ª FEIRA, assinalava a existência de uma área de treinamento de guerrilhas próximo à JACUPIRANGA. A OBAN (Operação Bandeirante) acionou imediatamente sua Central de Informações que atribuiu a missão à Coordenação da Execução para processar o informe.

Duas equipes do 2º BPE, uma de busca em trajés civis e outra de choque, fardada, foram deslocadas para o cumprimento da missão. No dia subsequente (18), às 1800 hs, as equipes retornaram trazendo a informação de que a área havia sido realmente encontrada, mas que tinha sido abandonada, aproximadamente, dois meses antes.

Ainda no fim de jornada desse mesmo dia e no domingo, dia 19, chegaram a SÃO PAULO elementos de Operações Especiais / /CIE, com novos dados. Informavam que os elementos presos no CODI/I Ex confirmavam a informação, dizendo ser aquela a Área 1. Que, entretanto, existia nas imediações desta, uma Área 2, onde se encontravam vários terroristas-subversivos em atividade. Esclarecia que, em virtude da próxima abertura da temporada de caça, a área seria desativada a partir de 30 de MAIO.

Neste mesmo dia, duas equipes do 2º BPE foram deslocadas para JACUPIRANGA, localidade próxima à região onde se supunha estar a Área 2, enquanto era montada no II Ex, uma Operação de Informações com participação dos elementos do CIE, da nossa 2ª Seção e do pessoal da FAB, a ser desencadeada no dia seguinte.

Como fora previsto, iniciou-se no dia 20 o deslocamento do pessoal para REGISTRO, onde havia um campo de pouso, em 2 helicópteros, seguidos de outros 2 armados.

Neste mesmo dia, foram enviados pela I FAT, 4 aviões T6 ar

*Helicóptero*  
O Chefe da Seção de Operações Esp/CIE deslocou-se de helicóptero de REGISTRO para JACUPIRANGA, a fim de localizar o informante MANOEL DE LIMA, capaz de indicar com exatidão o local do sítio que constituía a Área 2.

Em JACUPIRANGA já encontrou uma equipe do II Ex, que lhe informou haver descoberto o local onde se situava a Área 2 que se buscava (FAZENDA DO ITAÚ, à altura do Km 249,5, próximo a uma pedreira,

Diante dessa informação, o Chefe da Sec Operações/CIE decidiu, sem outros reconhecimentos, invadir o sítio numa ação rápida, visando impedir a fuga dos terroristas, que se sabia estarem naquela área.

A partir das 1500 hs, aproximadamente, do dia 20, os helicópteros seguidos pelos T6 ficaram sobrevoando a região provável, enquanto duas equipes em terra percorriam a estrada que conduz à pedreira, buscando descobrir o acesso para o sítio. Prosseguiram as operações, foi encontrada e invadida a 1ª choupana da Área 2 e, em seguida, mais duas outras, pelas equipes do II Ex. Todas se encontravam arrumadas, nada indicando fuga precipitada.

Neste mesmo dia a área era reforçada com 1 (uma) Cia do 6º G A Cos M.

Na manhã do dia 21, chegavam ao local, 1 Cia Fzo do 4º R I pedida como reforço, e elementos do CACAAé/2, tendo início o vasculhamento da área e a caça aos guerrilheiros, em número provável de pouco mais de uma dezena. Na noite deste dia chegou a REGISTRO um Pelotão de Operações Especiais da Bda Paraquedista. A partir desse momento e face às características da ação, a condução das operações foi entregue ao Cmt da Sub Área B, que designou o Ten Cel NERO, seu Chefe de EM, para comandar elementos existentes na área.

Dia 23 ABR: Uma Cia do 6º G A CosM ocupou a região da TÔRRE MICRO e foram realizados reconhecimentos da área por helicópteros da I FAT. O Gen PAULO, Cmt CACAAé/2, assumiu o comando das operações.

Dias 24, 25 e 26 ABR: Prosseguiram as missões de reconhecimento da área. Elementos pára-quedistas foram lançados nas clareiras existentes nas matas e daí prosseguiram no reconhecimento terrestre enquanto os helicópteros faziam o reconhecimento aéreo. A 2ª/4º R I vasculhou o leito do RIO CAPELI - NHA, no dia 26 ABR.

Dia 27 ABR: Às 0900 horas foi efetuada a prisão de "Darcy"



*Excluído*

Na mesma data, elementos da 1ª/4ª RI ocupavam a estrada do CONCHA e tentavam ligação com o 6º G L Cos M. Foram organizadas patrulhas para localização e vasculhamento da base guerrilheira, já agora com o auxílio dos prisioneiros. Em fins de jornada a área é reforçada por 1 Bia do 5º G Can 90 Mlé, que recebeu a missão de vigiar a BR-116, entre CAJATI e Km 250.

Dias 28 e 29 ABR: Por elementos pára-quedistas, foram reconhecidas as trilhas que de VILA TITU penetram nas matas. A 1ª/4ª RI realizou o vasculhamento ao longo das trilhas que, das clareiras interiores da área, demandam a estrada do CONCHA. A mesma missão realizou o 6º G L Cos M com relação a estrada da TÔRRE. Foi deslocado para a TÔRRE, uma Seção de Mrt. 81mm para realizar tiros de inquietação no interior da área. Elementos do 2º RO 105 ocupam as vias de acesso que se dirigem para IPORANGA e S MIGUEL ARCANJO.

Dia 30 ABR: A partir de 1030 horas iniciou-se o bombardeio da área com os T6 e B 26.

Dias 1º a 3 MAI: Prosseguiram os reconhecimentos terrestres e com auxílio dos prisioneiros, foi descoberta e retirada grande quantidade de material dos terroristas. Os elementos pára-quedistas são retirados da área no dia 3. Neste mesmo dia chega uma Cia do 1ª/6ª RI.

Dia 04 MAI: A partir das 1200 horas a I FIF bombardeou o centro da área. Um Pel do 1ª/6ª RI é lançado de BARREIROS (próximo à BARRA DO TURVO) para CAPELINHA.

Dia 05 MAI: Foram lançadas onze patrulhas para vasculhar a área, partindo da BR-116 até a trilha do ALEIXO.

Dia 06 MAI: Foi estabelecido contato com a patrulha do 1ª/6ª RI lançada de BARREIROS no dia 04.

Dia 07 MAI: Face a falta de informes e a impressão de que os subversivos haviam se evadido, foi decidido retirar da área o grosso da tropa. Em consequência foi distribuído na jornada de 07, o plano de evacuação da área. Pelo mesmo deveriam permanecer na região uma Cia do 1ª/6ª RI, uma Bia do 5º G Can 90 Mlé, o Det Logístico e elementos da PMESP, que seriam revezados posteriormente.

Dia 08 MAI: A 1ª parte da jornada foi utilizada para dar cumprimento ao plano de evacuação da área. Às 1930 horas do mesmo dia, foi recebido um informe de que sete elementos terroristas, vindos da localidade de BRAÇO, haviam ocupado ELDO RILDO. Na realidade ocorreu o seguinte: O Destacamento Policial da FIDUR (1ª) foi deslocado para um ponto de controle de que elemen

*Adulterado*

Os quatro policiais que constituíam o destacamento foram então, armados apenas de revólveres, para a praça central para realizar a detenção da viatura. Logo após sua chegada nesse local aí chegaram, também, os subversivos. Dois guardas, um de cada lado do caminhão tentaram realizar a prisão, tendo sido recebidos à bala. Revidaram o ataque usando seus revólveres. Foram feridos além dos dois guardas um elemento civil. Os subversivos fugiram em seguida na direção de SETE BARRAS. Foi lançado, no seu encalço, de JACUPIRANGA, pelo eixo ELDORADO-SETE BARRAS, um Pel (-) da Cia do 1º/6º RI, enquanto de REGISTRO era lançado por SETE BARRAS um Pel da PMESP, seguido imediatamente de um outro elemento (patrulha) do Dst Logístico. Na estrada ELDORADO-SETE BARRAS, nas proximidades da ponte sobre o RIO ETÁ, houve o encontro entre os terroristas e o Pel da PMESP, tendo este sido duramente atingido (14 feridos), pelos terroristas que logo após abandonaram a estrada. Embrenhar-se na mata e levaram consigo um Ten como refém. O Pelotão (-) da 1º/6º RI, que no eixo ELDORADO-SETE BARRAS vinha em perseguição dos elementos subversivos, acabou se chocando com a nossa patrulha do Dst Logístico, que guarnecia a entrada de SETE BARRAS, travando-se ligeiro tiroteio, onde foi ferido o Ten Cel MERO e um Soldado.

Dia 09 MAI: Foi lançada uma Cia da PMESP e dois Pel da Cia do 1º/6º RI para seguir na possível rota de fuga dos terroristas. Um Pel do 5º G Can 90 Mé foi lançado para JUQUIÁ, a Bia (-) do 5º G Can 90 Mé deslocou-se para guarnecer SETE BARRAS. um Pel do 1º/6º RI ficou guarnecendo SETE BARRAS, um Pel do 1º/6º RI ficou guarnecendo ELDORADO. Na mesma jornada, retorna à área o 6º G A Cos M que se deslocou para SETE BARRAS.

(5) Resultados obtidos na 1ª Fase :

Foi efetuada a prisão de dois importantes terroristas: os ex-Sgts Darcy e Nicolau.

Os subversivos não tiveram condições para permanecer na área, em virtude dos bombardeios e contínuos reconhecimentos.

Nas bases guerrilheiras foi apreendido o material constante do Anexo nº 1.

c. 2ª Fase - Operações na Região de SETE BARRAS

(1) Duração: 10 MAI a 01 JUN 1970

(2) Características da área:

A área abrangida pelas operações nesta segunda fase é miú-

CAPÃO BONITO e JACUPIRANGA.

Dentro dela podemos distinguir uma segunda área onde se desenvolveram as principais operações e que poderá ser definida pelos seguintes acidentes: a W pelo RIO ETÁ, ao Sul pelo RIO RIBEIRÃO DE IGUAPE e localidade de SETE BARRAS, a Leste pelos RIOS QUILOMBO e JUQUILÁ, ao Norte pela Reserva Flores - tal do Estado. A localidade de SETE BARRAS se liga a S MIGUEL ARCINJO através de uma estrada de terra batida, que passa pelos povoados de RIBEIRÃO DA SERRA e MANIPERÁ. A W desta estrada existem outras que se dirigem na direção Leste-Oeste, que vão interessar sobremaneira às operações, sendo as principais: Estradas do AREADINHO, DO AREADO, do MACUCO e do BANCO. Estas estradas, nos dias secos, permitem o deslocamento de viaturas, em grandes trechos, mas não na sua totalidade, com exceção da Estrada do BANCO que é trafegável em toda sua extensão.

A região é constituída de matas densas pontilhadas de clareiras, onde encontramos bananais e culturas de chá. É cortada por inúmeros riachos que dão origem a charcos que dificultam sobremaneira os movimentos.

O limite norte, caracterizado pela Reserva Florestal, é constituído de floresta tipo amazônica onde a caça e a exploração dos palmitais são proibidas, havendo portanto raríssimas trilhas no seu interior. As matas da região dificultam os reconhecimentos aéreos e terrestres e facilitam o homízio de grupos.

(3) Organizações que atuaram na área - Efetivo médio

O B	OFICIAIS	PRAÇAS	DIVERSOS
CACALÉ/2 .....	4	36	
CIEx .....	3	5	
Elementos da I FLT, 2ª Sec II Ex e DOPS, 5ª RM-PMP	-	..	50
4ª R I .....	13	262	
1ª/6ª R I .....	5	139	
6ª G A Cos M .....	13	200	
5ª G Can 90 Alé .....	4	150	
2ª R O 105 .....	20	314	
2ª Cia Com .....	1	28	
2ª B E Cmb .....	-	7	
P M E S P .....	14	414	

(4) Evolução dos acontecimentos:

*Etela II*

Dia 10 MAI: Uma Cia da FLESP e dois Pel da 2ª/1ª/6ª RI vasculham a área entre o RIO ETÍ e a estrada para SÃO MIGUEL ARCANJO. O 2º RO 105 chegou à área e ocupou a Reserva Florestal MAMPARRÁ e RIBEIRÃO DA SERRA, devendo reconhecer e ocupar a estrada de BANCO. Para ligação com o RO e ocupar o eixo, foi lançada uma patrulha motorizada na estrada SETE BARRAS - SÃO MIGUEL ARCANJO. No eixo ELDORADO - SETE BARRAS foi prêso um terrorista por elementos do 6º G L Cos M (Jair). O 6º G L Cos M ocupa o eixo ELDORADO - SETE BARRAS.

Dia 11 MAI: No início do período a 1ª/4ª RI e o 6º G L Cos M foram lançados na estrada do BANCO para, a partir dessa estrada e na direção Sul, vasculharem a área até o AREADINHO. Essa ação prolongou-se até o fim do período. Às 1600 horas, aproximadamente, foi prêso por elementos do 2º RO 105 um terrorista (Hóbrega).

Dia 12 MAI: Prosseguem na missão, a 1ª/4ª RI e o 6º G L Cos M. Um elemento do 5º G Can 90 *Lié* passou a vasculhar a cavaleiro da estrada do QUILOMBO. Elementos em canoas foram lançados para vigiar as confluências do JUVUÍ-RIBEIRA e do QUILOMBO-JUVUÍ.

Dia 13 MAI: A 1ª/4ª RI foi dada a missão de ocupar a estrada do AREADINHO. O 1º/6ª RI foi trazido de ELDORADO para SETE BARRAS onde ficou aguardando ordens. Com a chegada à área de um Pel dos Fz Navais, ocupou-se a foz do QUILOMBO, a foz do JUVUÍ e a ponte sôbre o RIBEIRO FUNDO. Neste período foi planejada a Operação Macuco que previa o vasculhamento de uma área compreendida ao N pela estrada do BANCO, a E pela estrada de SÃO MIGUEL, ao S pela estrada do AREADINHO e a W por uma linha paralela à estrada de SÃO MIGUEL e a mais ou menos 5 km desta, balizada por trilhas.

Dia 14 MAI: O período foi totalmente ocupado na execução da Operação Macuco e aproximadamente às 1700 horas as últimas patrulhas atingiram a estrada de SÃO MIGUEL ARCANJO. Na noite anterior, os elementos que vigiavam a estrada de SÃO MIGUEL ARCANJO, receberam ordem para colocar as viaturas na estrada, intervaladas, de tal forma que, à uma ordem, acendessem as luzes ficando tóda a estrada iluminada. No fim dês período foi planejada a Operação Quilombo que previa o vasculhamento da área limitada a W pela estrada de SÃO MIGUEL, a E pela

11  
E4d3  
Dia 15 MAI: Relatório narrativo das patrulhas que tomaram parte na Operação Macuco. A Operação Zuilombo foi desencadeada aproximadamente às 1000 horas e às 1800 horas estava concluída; os relatórios prestados pelos elementos participantes, foram negativos. Nessa jornada foi planejada a adoção de um dispositivo que mantivesse a ocupação dos pontos mais importantes da área ao mesmo tempo que seria intensificada a busca de informes. Às 1700 horas, com a chegada de um importante informe, esse planejamento foi suspenso e passou-se ao planejamento de outra operação que previa um vasculhamento no eixo TAQUARUÇU - VOTUPOCA e um cêrco na linha :

- Estrada SETE BARRAS - ELDORADO
- Estrada ELDORADO - JACUPIRANGA
- Estrada BR-116
- Estrada REGISTRO - SETE BARRAS

Aproximadamente às 2300 horas foi dada a ordem verbal aos elementos subordinados, para sua execução.

Dias 16 e 17 MAI: Este período foi consumido na tomada do dispositivo e conclusão da Operação Votupoca, planejada em fins da jornada do dia anterior. Às 1700 horas do dia 17 estava concluída.

Dia 18 MAI: Às 2000 horas chegou um informe que, devidamente processado, originou o planejamento de uma operação de cêrco na região da estrada do ARELDO. Às 2300 horas foi distribuída ordem aos elementos subordinados.

Dia 19 MAI: O planejamento concluído permitiu a transmissão oral da ordem de operações aproximadamente a uma hora. A operação previa o bloqueio ao N da estrada do ARELDO, pelo 2º RO 105, o bloqueio ao S, em trilhas existentes, pelo 6º G A Cos M; a W a 1ª/4ª RI com a missão de vasculhar a área, no sentido W-E até a região onde os terroristas foram vistos; a E a 2ª/1ª/6ª RI, com a missão de vasculhar a área de E para W até a área onde foram vistos os terroristas. Linhas limites de progressão foram marcadas às peças móveis de maneira a facilitar a junção. Um cêrco longo seria esboçado pelo 2º RO 105 e 5º G Can 90 Alé a E na estrada para SÃO MIGUEL e a W na estrada do ARELDO. Foi iniciada a operação aproximadamente às 0600 horas de 19 e terminou aproximadamente às 1700 horas. Os resultados foram negativos. Às 2000 horas foi expedida a O Op nº 5 que previa a localização dos elementos de manobra, na área, de maneira a bloquear tôdas as possíveis vias de fuga e regiões onde os terroristas pudessem obter

Dias 20 e 21 MAI: A jornada foi usada para a montagem do dispositivo. Durante o período não houve alteração de monta e prosseguiram as buscas de informes.

*CA-123*

Dias 22 e 23 MAI: Foi planejada uma operação a ser desenhada no dia 25. Visava dar aos terroristas a impressão de que a área estava sendo transferida para a responsabilidade da PMESP. Haveria a retirada da parte da tropa e dos helicópteros para a região de REGISTRO, colocação da PMESP ostensivamente nas barreiras das estradas e o restante da área ficaria sob a vigilância sigilosa das demais Unidades que permaneceriam na área. Este planejamento não foi transformado em ordem porque às 1300 horas de 23 foi recebida uma informação que indicava a presença dos terroristas na estrada do BANCO na casa de um cidadão, à procura de alimentos, mais ou menos a 9 km a W. do entroncamento daquela estrada com a estrada de SÃO MIGUEL. Às 1600 horas iniciou-se o acionamento de patrulhas visando cercar a área suspeita para posteriormente vasculhá-la. A tomada do dispositivo entrou pela noite e na manhã seguinte foram notadas falhas no mesmo que exigiram algum tempo para serem sanadas. A jornada de 23 foi gasta nos vasculhamentos da área suspeita.

Dia 24 MAI: O patrulhamento da área prosseguiu, tendo finalizado sem resultados positivos. No período, chegou à região de SETE BARRAS a Cia Ptr/4º RI que ficou em reserva ao Sul do RIO RIBEIRA. Foi planejada e distribuída a O Op nº 6, às 2000 horas.

Dia 25 MAI: Às 1500 horas o dispositivo estava pronto. Foi usada então a cooperação do Prefeito de SETE BARRAS e outros elementos da área para busca de informes.

Dia 26 MAI: Às 1130 horas chega ao PC informação que os terroristas foram vistos a 1 km ao N da estrada do BANCO, mais ou menos a 9 km do entroncamento com a estrada de SÃO MIGUEL ARCANJO. O 2º RO 105 montou uma emboscada que, devido à uma falha na execução, não teve o êxito previsto. (ver Anexo 2, Patrulha do RIO DOIS IRMOS segundo relato do Cmt do 2º RO 105). Paralelamente foi determinada a vigilância do corte do QUILOMBO e a região foi cercada por patrulhas transportadas por helicópteros.

Dias 27, 28 e 29 MAI: Período totalmente ocupado no vasculhamento da área suspeita. Permaneceu o cêrco no QUILOMBO e nas vias de fuga para CAPÃO BONITO; as patrulhas foram retiradas da área e a 1 FIA metralhou e bombardeou a área no dia 29.

mateiros e militares, disfarçados de caçadores. Os elementos civis foram postos a par dos locais onde provavelmente podiam estar os terroristas; eles tinham liberdade de guiar as patrulhas para esses locais e eventualmente sugerir outros locais ou trilhas possíveis de homígio ou fuga. Aos elementos militares caberia o comando no caso do contato com os terroristas. Essas patrulhas tiveram um prazo de 72 horas para percorrer todos os locais suspeitos. Expedida a O Op nº 7 que reforçava a vigilância no QUILOMBO, saída para CAPÃO BONITO em GUAPIRUVU, estrada do BANCO, MAMPARA e Reserva Florestal. A vigilância nas possíveis fontes de suprimento era ativada. (xibocas)

Dia 31 MAI: Às 1830 horas chega ao PC informe da presença de LAMARCA próximo à ABAITINGA e que o 2º RO 105 estava processando o informe. Às 2000 horas foi dada ordem à Ptr/4º RI para ocupar as vias de fuga para CAPÃO BONITO. Para o 2º RO 105 foi determinado fechar os acessos à SAO MIGUEL ARCANJO. Para a PMESP foi dada a ordem para barrar a estrada do PILAR DO SUL, deslocando-se para JUQUIÁ. Patrulhas em 6 caminhões civis são mandadas para o trecho da estrada entre o km 200 (TAQUARAL) e 235 (Reserva Florestal) a fim de emboscarem os terroristas que porventura estivessem a procura de carona. (Dispositivo pronto às 2330 horas).

Dia 1º JUN: À 0100 hora chega a notícia ao PC, do seqüestro de uma viatura do 2º RO 105 pelos terroristas e fuga para SAO PAULO. (ver Anexo nº 3, Episódio do Seqüestro da Viatura, segundo relato do Cmt do 2º RO 105).

(5) Resultados obtidos na 2ª Fase :

Foi efetuada a prisão de mais dois subversivos, Jair e Nóbrega. Os subversivos continuaram sob pressão nas matas e finalmente abandonaram a área em virtude de deficiências na conduta do combate. Foi apreendido em poder de Nóbrega, um revólver "Taurus". Foram apreendidas, ainda, três armas: Uma Mtr INA da PMESP e dois FAL, dos roubados do 4º RI.

d. Apoio Logístico

O apoio logístico à OPERAÇÃO REGISTRO foi realizado pela 2ª RM, na região de REGISTRO - JACUPIRANGA e no eixo CAPÃO BONITO - APIAI.

(1) Fases para o Ap Log

A 1ª fase foi iniciada na noite de 22 ABR e foi até a noite de 8 para 9 MAI. Inicialmente, foi criado um Destacamento Lo-

APIAI, denominado Dst Log; APIAI.

*Atalaia*

A 2ª fase teve início de 08 para 09 MAI até o encerramento das operações. Nesta fase funcionou apenas o Dst Log de REGISTRO. No aspecto logístico pouca diferença houve entre a 1ª e 2ª fase a não ser a distância de apoio em face da mudança da área de operações e o surgimento de outros pequenos problemas, como o de fornecimento de água.

(2) Área do Dst Log

A área escolhida para o desdobramento do Dst Log foi de grande valia para as atividades de suprimento, em virtude de estar junto ao aeroporto, beneficiando-se do apoio da I FAT, no que tange ao transporte de material. A proximidade da cidade de REGISTRO, maior localidade da região, trouxe grandes benefícios ao apoio, pelos recursos locais que proporcionava. O apoio da I FAT se estendeu também à evacuação de feridos e transporte de suprimento à tropa da área de REGISTRO para outras áreas onde se desdobravam as tropas.

(3) Organização do Dst Log

O Dst Log foi inicialmente organizado de maneira improvisada, pois, a 2ª RM só possui órgãos logísticos fixos. Dispunha de elementos do Sup Cl I, Cl III, Saúde e Mnt Moto. Essa organização evoluiu passando a realizar Sup Cl II e Cl V, montando uma Sec de Banho e um P Sup Água.

(4) Processos de Suprimento

Com relação à Cl I as unidades vinham ao Dst Log buscar seu Sup. O Sup Cl II (fardamento) as unidades normalmente iam buscar no Dst Log. Os combustíveis eram entregues, de acordo com as circunstâncias, nas U, no Dst Log ou nos postos civis, como reposição de fornecimentos realizados às OM. A munição era entregue no Dst Log.

(5) Custos

Para que se tenha uma noção de quanto custou a Operação REGISTRO, na parte logística, damos a seguir os dados levantados pela 2ª Região Militar:

Classe I .....	164.940,13
Classe II/IV Mat Int .....	25.181,87
Classe III .....	
Gas .....	46.212,94
OD .....	12.374,00
LUB .....	5.585,26



*27 da ii*

Classe V .....	35.250,76
Mnt Moto.....	38.578,15
Mat Com .....	1.841,50
Mat Eng .....	27,90
Ap Saúde	
HGeSP - Medicamentos	
e Mat Hospitalar...	2.691,32
Sv Saúde R/2 - Medica-	
mentos ...	1.422,34
Despesas em Hosp Civis ..	3.3.9,46
	<u>7.433,12</u>
	337.425,63

Esses custos não devem ser tomados em seus valores absolutos porque muitas dessas despesas seriam realizadas mesmo que a operação não tivesse existido, como é o caso da Classe I.

(6) Principais falhas encontradas no apoio logístico

a - Na estrutura da 2ª Região Militar

A 2ª Região Militar, como as outras RM, não está aparelhada para desempenhar as funções de Ap Log a tropas em operações. Seus órgãos, constituídos de Estabelecimentos, Depósitos e Parques, são fixos. Para a organização do Dst Log, houve necessidade de se improvisar com os meios existentes, normalmente com prejuízo das funções normais dos órgãos. Chegou a 16 (dezesseis) o número de OM que integraram o Dst Log com equipamento e pessoal.

b - No Suprimento Classe I

- Foi notada a falta de conhecimento no uso da ração R2 (Ração Operacional). Algumas Unidades as consumiram sem abater do número de rações normais (R1). A tropa consumia R2 sem autorização.

- O Estabelecimento Regional de Subsistência/2 estava com suas rações R2 com prazo de consumo vencido, portanto, sem nível em rações operacionais. A dotação prevista para 1970 ainda não havia sido recebida do órgão provedor.

- Foi sentido pela tropa que o acondicionamento da ração R2 não facilita ao homem seu transporte, face ao seu volume e peso.

- As Unidades não tinham controle dos efetivos a alimentar, baseando seus pedidos em estimativas.

- As cozinhas das Unidades apoiavam por área, ultrapassando em muito suas capacidades.

- A quantidade tabellar foi considerada insuficiente para

flutuação dos efetivos apoiados pelas cozinhas.

- O Dst Log sentiu dificuldades em suprir as Unidades em gêneros perecíveis. A falta de viaturas frigoríficas impossibilitou o fornecimento de carne pelo ERS/2. A solução foi dada pelo fornecimento de numerário às Unidades para aquisição nas proximidades das cozinhas.
- A tropa sentiu falta de cigarros na ração R2.

c - No Suprimento Classe II/IV

- O tecido de que é feito o uniforme de campanha dos soldados não resiste às ações através de matas. A costura dos mesmos também deixou muito a desejar.
- Os coturnos, à semelhança dos uniformes, também não resistiram às operações, mesmo de elementos que não se engajaram nas ações (Dst Log). Foi um dos pontos que mais chamou a atenção dos Cmt de Sub-Unidades e Unidades.
- Algumas Unidades se deslocaram para a área de operações, com seus homens sem uniformes e calçados de troca, sem seu material de estacionamento.

d - No Suprimento Classe III

- O DRNM/2 empenhou todos os seus meios para compor o Dst Log. Ficou sem flexibilidade para atender outra área, que necessitasse de seu apoio.
- As Unidades deixaram de conduzir a totalidade dos cambores para combustível existentes. Isso dificultou muito o reabastecimento.
- Em certos momentos, o sistema de Sup Cl III ficou na dependência do combustível existente nos postos civis da área de REGISTRO, nos quais as Vtr ou cisternas eram reabastecidas para posterior reposição pelo Dst Log.
- Foi sentida a falta de tonéis para combustível. As Unidades que tiveram tiveram seu reabastecimento facilitado.

e - No Suprimento Classe V

- A principal falha apontada no que tange a Cl V foi o fato de que algumas Unidades não levaram suas dotações orgânicas, ocasionando pedidos de munição ao DRAM/2.
- E como consequência da falha anterior, algumas Unidades ainda deixaram de retirar seus pedidos de Cl V.

f - Diversos

- A falta de conhecimento dos efetivos existentes na área, bem como das organizações que aí operavam (Ex, Aer, PM,

*Adm*

- EA
- Algumas Unidades não realizaram a manutenção de 1ª e 2ª escala em suas Vtr.
  - Foi notado certo desconhecimento no que tange a normas de suprimento. Certos tipos de material foram pedidos diretamente a escalões superiores, fora da cadeia de suprimento.
  - Algumas Unidades não conduziram seus reboques cisternas.
  - A maioria das cozinhas utilizou gás nas suas cozinhas de campanha, trazendo problemas de suprimento, por não ser item previsto.

#### e. Apoio de Comunicações

A inexistência de um B Com na área do II Ex fez com que a operação fosse apoiada pelo pessoal e material da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, com tôdas as improvisações e adaptações que se fizeram necessárias. No que pese a esplêndida colaboração prestada pelo Sv de Com da Polícia Civil, é fácil compreender-se os problemas que surgiram com o emprêgo dos meios de comunicações da Polícia.

Não foi possível, por exemplo, estabelecer a padronização das regras de exploração, nem o emprêgo dos sistemas de autenticação, em virtude da maioria dos operadores serem elementos civis.

Face à impossibilidade, logo de início, de se empregar um sistema de código e cifras, as informações mais importantes não podiam ser transmitidas pelo rádio, o fim de não comprometerem a segurança. Somente mais tarde, já na 2ª fase da operação, é que se pôde estabelecer um sistema de código, para a transmissão e recebimento de mensagens sigilosas. O material utilizado pelas Unidades do Exército, se bem que em número reduzido, funcionou satisfatoriamente.

Os novos conjuntos rádios, o EB-11 LN/GRC-9 e o EB-11 LN/PRC-25 demonstraram boa eficiência no seu funcionamento. O único problema surgido em relação a estas estações, foi a carência de baterias (pilhas) para o LN/PRC-25.

Outro problema que apareceu foi a inexistência de um equipamento rádio portátil para ser usado na selva durante a execução das patrulhas.

#### f. Apoio de outras Forças

##### (1) Força Aérea

As operações foram apoiadas pela I FAF, através de helicópteros e aviões. Os helicópteros foram largamente utilizados

*Epel*

ção imediata do cêrco. Estes reconhecimentos e transportes são muito eficientes, porém prejudicam o sigilo da operação e denunciam nossas intenções. É quase impossível reconhecer o inimigo na selva, através de reconhecimento aéreo, pois a cobertura lhe é muito favorável. Entretanto, tais reconhecimentos são particularmente úteis para verificação de nossos dispositivos e a atualização de cartas. Os helicópteros foram também utilizados na evacuação de feridos, no suprimento de elementos lançados em regiões de difícil acesso e no metralhamento de áreas suspeitas. Os aviões T6 e B26 foram usados na inquietação do inimigo através de bombardeios e tiros diretos de metralhadoras. Aviões e helicópteros SAR foram, também, empregados no transporte de feridos dentro da área e desta para os hospitais da guarnição. É necessário haver entrosamento de nossa instrução com a Aeronáutica a fim de se aproveitar em tôda plenitude o apoio proporcionado pelos helicópteros e aviões.

(2) Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo

A Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo participou ativamente de tôda a operação, não só como órgão de busca de informes como, também, na instalação de barreiras e na exploração das comunicações. As buscas de informes e o trabalho de comunicações foram realizados pela Polícia Civil. O estabelecimento de barreiras esteve entregue a PM ESP.

Problemas levantados:

- da Polícia PM*
- Os fatos provaram o despreparo da maioria da tropa da Polícia Militar do Estado de São Paulo para o tipo de operações que foram realizadas na área;
  - Ficou evidenciada a necessidade de manter um Oficial de ligação da Polícia Militar junto ao EM operacional;
  - A tentativa de utilização de cães especializados da PM ESP, na prisão de fugitivos, não logrou êxito, em virtude da técnica utilizada pelos mesmos de usarem os cursos d'água como rota de fuga. No entanto, nos serviços de guarda os cães se mostraram eficientes.

3. CONCLUSÕES

a. Considerações Preliminares

A OPERAÇÃO REGISTRO teve início com uma típica Operação de Informações, visando processar um informe obtido num interro

positivas sobre a existência do inimigo, transformou-se numa Operação Militar, visando aprisioná-lo ou destruí-lo, com o emprego, inclusive, de cobertura aérea por helicópteros e aviões T6, sem que se conhecesse exatamente o valor, onde e como se encontrava esse inimigo.

O resultado não poderia ter sido outro. O inimigo, que desde cedo vigiava nossos passos com dois observadores bem colocados, dispersou-se na mata que conhecia muito bem, em terreno acidentado e difícil e a operação transformou-se numa caça, por cercos, vasculhamento e patrulhas, de pequenos grupos de homens que se diluíam e se escondiam com a maior facilidade.

Podemos considerar, assim, como primeiro erro cometido, e que se refletiu de maneira irreversível no restante da operação, o emprego precipitado da tropa pelo pessoal que se encontrava na área. A tropa viu-se na contingência de procurar, ela mesmo, e agora em piores condições, porque feito através da mata que desconhecia, as informações de que necessitava para localizar o inimigo. Isto determinou um aumento sensível do efetivo a empregar, muito mais em função da extensão a percorrer do que do valor do inimigo, que se sabia ser fraco.

É certo que uma busca de informes, feita com mais profundidade e com menos precipitação e o estudo detalhado da área, conduziriam fatalmente ao emprego da tropa em melhores condições. Talvez mesmo, levasse à conclusão de que seu emprego, no caso, não seria necessário. É possível que a situação pudesse ser resolvida através de ação tipo policial, como tocaias, campanhas, emboscadas e outros artifícios menos ruidosos, capazes de conduzir a melhores resultados. Isto é particularmente vantajoso quando o inimigo é militarmente fraco, como no caso. Na realidade, este erro, provocado pelo agendamento, fruto da inexperiência e do louvável intuito de capturar o inimigo, no mais curto prazo, determinou o prolongamento das operações, emprestando-lhe uma importância que, na realidade, não teve.

Surge o primeiro grande ensinamento. Somente empregar a tropa em ações regulares, após certificar-se da situação, do valor e da localização do inimigo, ainda que para isso seja necessário perder algum tempo.

É preciso ter em mente que na guerrilha, o inimigo dificilmente aceita o combate. Somente o faz quando é surpreendido, ou quando toma a iniciativa, o que ocorre quando as condições lhe são muito favoráveis e ele consegue uma superioridade momentânea. É necessário então colhê-lo de surpresa.

Revolvendo os fatos verificamos que...

ros na área de REGISTRO. Os limitados recursos existentes na Sub Área B, que possui na sua 2ª Seção apenas 1 Oficial e 2 Sargentos, não permitiram que fosse feito o processamento regular desses informes, que, pela sua imprecisão e generalização, foram considerados como muitos outros que chegam todos os dias e que, pelo mesmo motivo, não podem ser processados. Coincidentemente a OBAN estava, naquela época, assoborbada pelos trabalhos na Capital.

A atual situação exige que se faça, pelo menos, uma tênue cobertura de toda a área, à procura de possíveis locais de treinamento de guerrilhas. Esta tarefa é de responsabilidade dos Comandantes da Sub Área que, na verdade, não podem exercê-la por absoluta falta de meios. Diante da realidade como a que começamos a viver, não é suficiente fazer constar nos textos legais a atribuição, é necessário dar meios para cumprí-la. Temos que encarar objetivamente este problema. Temos a impressão de que já passamos da época de nos enganarmos mutuamente.

Ressalta aqui o importante papel que poderão desempenhar as Secretarias de Segurança dos Estados, através de suas polícias, civil e militar que, devidamente instruídas e motivadas, poderão prestar inestimáveis serviços. Infelizmente, a Polícia de São Paulo, com o efetivo de 70.000 homens, não tem motivação e está despreparada para ações desta natureza.

Convém ressaltar, na oportunidade, a importância da conquista da população civil, não só para que trabalhe em nosso favor, mas, principalmente, que negue seu apoio ao adversário. Na OPERAÇÃO REGISTRO ela colaborou decididamente conosco. Foram os civis que nos proporcionaram as melhores informações. Tivemos até o caso em que um morador da região veio entregar à tropa os 25 cruzeiros que lhe haviam pago por uma refeição fornecida a um subversivo.

Merece destaque a importância e a necessidade de se lançar mão de habitantes da área para servirem de guias à tropa, principalmente em regiões de mata densa ou florestas.

b. Principais ensinamentos colhidos no desenvolver das operações

(1) Aspectos Táticos

(a) Cêrco e Vasculhamento

As operações se realizaram basicamente sobre três aspectos, isolados ou simultâneos: cêrco, vasculhamento e patrulhamento. Tiveram, porém, uma característica comum: a despreparação da

(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7)

O pouco conhecimento que se tinha inicialmente dos métodos e maneiras de agir do inimigo, particularmente quanto aos seus processos de deslocamento, alimentação e fuga, dificultou nossa ação para capturá-lo.

A experiência nos ensinou, porém, que o cêrco em linha tênue, com homens excessivamente distanciados, como foi feito, (houve sub-unidade que teve 20 km de extensão para vigiar) é precário e perigoso. Precário porque o inimigo, durante a noite, pode passar sem ser percebido, e perigoso, porque a qualquer hora pode ser rompido pela ação em força. É necessário então, ao realizá-lo, dispôr-se de elementos fortemente armados, em lugares próprios, para dar-lhe profundidade e condições de atender a qualquer emergência. No caso de deficiência de meios para realização do cêrco, será preferível ocupar pontos de possível passagem, agindo de tocaia ou emboscada. São particularmente propícios os locais onde exista alimentação (armazens, casas particulares ou roças), pois o guerrilheiro - e foi o caso em geral em REGISTRO - não a carrega consigo, sendo obrigado a explorar os recursos locais. Os raros encontros assinalados, ocorreram justamente nêsses locais.

Quanto ao vasculhamento, só deve ser utilizado quando o inimigo tem certo vulto. Aí, também, um elemento de choque deve estar à mão para atender a qualquer emergência.

#### (b) Sigilo das Operações

É da maior importância o sigilo das operações. No início das operações, dois observadores inimigos, como já dissemos, muito bem colocados, assinalaram tôda nossa movimentação.

A redução drástica dos movimentos de pessoal, viaturas e aeronaves, uso de disfarces em trajes civis, habituais na área, de barba e cabelo crescido, de viaturas civis e outros artifícios, são recursos da maior eficiência. É necessário ter em mente que os processos convencionais de combate são, em sua generalidade, ineficazes. É importante que cada um desenvolva sua imaginação e criatividade, pois esta luta é de ardis, fintas e emboscadas. É a luta dos mais vivos e inteligentes.

O uso de disfarces pela tropa conduz à necessidade do uso geral e obrigatório de Senhas e Sinais de reconheci

tos, como aconteceu entre duas patrulhas nossas, uma de las comandada por um Ten Cel. Não esquecer que a Senha gritada, a distância, pode ser ouvida pelo inimigo convenientemente colocado, principalmente próximo às sentinelas. Será conveniente, também, a existência de um SINAL DE PERIGO para qualquer emergência que, se existisse, talvez tivesse proporcionado ao Sgt KONDO a oportunidade de alertar o posto que deteve a sua viatura.

(c) Segurança Individual e Coletiva

Ressalta-se em todas as oportunidades a importância da segurança, tanto individual como coletiva.

Não permitir deslocamento de viaturas isoladas sob qualquer pretexto.

Qualquer ponto de suprimento ou instalação deve ter uma segurança conveniente. Para economia de meios, concentrá-los em locais de fácil defesa e, tanto quanto possível, fora da vegetação que facilite a aproximação do inimigo.

(d) Informações

A informação é fundamental no combate à guerrilha e por isso deve ser organizada com especial cuidado. Nesse sentido, a centralização dos seus trabalhos deve ser procurada sempre. A duplicidade de ação, mesmo involuntária ou feita com o melhor das intenções, é prejudicial porque pulveriza os informes e dispersa os esforços.

Um Central de Informações, equipada com pessoal e material especializado, a fim de possibilitar a coordenação dos órgãos de busca, processamento de informes e a produção de informações necessárias à tomada das decisões pelo Comando, é medida que se impõe. À essa Central deverão ficar subordinados todos os elementos de informações existentes na área, inclusive policiais militares e civis, que os coordenará e os empregará de acordo com as necessidades e o conjunto da operações. Evitar-se-á, assim, a iniciativa de elementos subordinados que poderão prejudicar a conduta das operações, por desconhecimento global da situação.

Na Operação TRANSIRO houve duplicidade de Agências de Informações em JACUPETIMERA e SETE BARRAS com resultados negativos. A PMESP possui uma Agência trabalhando independente.



*é reduzida*

dade de que todo o informe colhido seja transmitido, pelo meio mais rápido possível, à Central de Informações, para que esta possa assessorar o Comando na tomada da decisão. É de assar, ainda, que a Central de Informações disponha também de recursos financeiros para poder recompensar informantes da região e pagar agentes recrutados na área, que deixar de trabalhar para nos servir. Em alguns casos a informação tem que ser considerada como um produto que se compra com dinheiro.

(c) Barreiras

As barreiras devem ter obstáculos e profundidade, contando com armas automáticas devidamente escalonadas e disfarçadas, em condições de atirar sobre qualquer elemento que venha forçar sua passagem. Devem também ter ligações rádio entre si. O incidente de ELDORADO PAULISTA ilustra bem este fato. Os guardas foram alvejados ao se aproximarem da viatura e os subversivos fugiram porque ninguém cobria a sua ação.

(f) Armamento e Equipamento

No que toca ao armamento e equipamento, é oportuno ressaltar:

- Algumas Unidades estavam equipadas com mosquetão, que absolutamente não se condizem com esse tipo de guerra. Isto teve influência no moral da tropa, que se considerava inferiorizada;
- Quanto ao equipamento, deve ser leve e tem que proporcionar ao homem, capacidade de durar nas patrulhas e nas emboscadas. A adoção de um bornal-mochila onde possa levar cama-rôlo, plástico 2x2, rações curativos, repelente, etc, seria uma solução. O fação de mato tornou-se uma peça eficiente e imprescindível no equipamento a ser distribuído.

(g) Comunicações

Já se tornou lugar comum falar da deficiência de nossas Comunicações. Não fôsse a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, não teríamos os meios mínimos para o abastecimento da tropa. O uso de recursos da Secretaria determinar que nosso sistema de identificação e os mensagens de maior sigilo tivessem, por segurança, trânsito muito limitado.

Reitero aqui a importância de que o II Ex disponha

tados meios que dispõe, somente deu algum apoio às Unidades na área de REGISTRO.

4 Helicópteros

(h) Apoio Aéreo

É oportuno fazer algumas observações sobre o uso do helicóptero. Sem dúvida, é um meio ideal de transporte em regiões de difícil acesso, mas seu uso deve ser feito com critério, porque é altamente denunciador de nossa presença e de nossas intenções. É particularmente eficaz no lançamento de tropa na retaguarda de um inimigo aferrado.

Quanto ao bombardeio por aviões, seus resultados são precários quando o inimigo não está devidamente localizado, como foi o caso.

(2) Aspectos Logísticos

(a) Núcleo de Comando Logístico

A 2ª Região Militar praticamente não dispõe de meios logísticos para apoio ao combate. Todos os seus órgãos são constituídos de instalações fixas. Somente a boa vontade, a iniciativa e o espírito de colaboração de todos, permitiram que fôsse dado, com elementos improvisados, um apoio logístico razoável às operações. A - qui convém ressaltar o apoio da FAB, que foi incansável no transporte de suprimento e pessoal, não só na zona de operações, através de helicópteros em locais de difícil acesso, como também da área de SÃO PAULO para REGISTRO. A evacuação de feridos diretamente para o Hospital Militar em SÃO PAULO e da Polícia Militar, foi um trabalho de maior valia.

Com os meios logísticos atualmente existentes na 2ª Região Militar, só poderá ser organizado um Destacamento Logístico improvisado para apoio limitado. A fim de que ela possa estar apta a dar apoio logístico às tropas em operações, no Estado de São Paulo, em mais de uma direção, é indispensável que seja criado, no mais curto prazo, um Núcleo de Comando Logístico, com meios modestos que possam no futuro ter a amplitude desejável. Desta forma, seriam imprescindíveis:

- Um Pelotão de Apoio de Manutenção
- Um Pelotão de Transporte
- Um Pelotão de Saúde

Um Pelotão de Combustíveis e Lubrificantes

- Uma Seção Rádio equipada, primordialmente, com material tipo SSE, para ligação a grandes distâncias do Comando, Depósitos e Estabelecimentos.

Atalaia  
- 7

(b) Fardamento

Dois tipos de suprimento merecem um destaque especial: Os uniformes e os coturnos. Com pouco mais de duas semanas de operações, e mesmo antes, nossos coturnos   
 X estavam arreventados e os uniformes descosidos e sem botões. Isto se refletiu sobre o moral da tropa, pois, em alguns casos, os soldados tiveram que fazer deslocamentos descalços através da mata.

Temos a impressão de que os laboratórios de testes dos Estabelecimentos de Intendência não estão funcionando a contento.

(3) O Exercício do Comando

O exercício do comando foi dos mais difíceis.

A atual estrutura do CACAAé/2, sem um Estado-Maior organizado, como é o caso também da AD/2 e ID/2, dificultou sobremaneira a execução das ações na área de REGISTRO. Somente após o reforço com elementos do II Exército e o uso de Cmts de Unidades no EM, é que passou a poder coordenar melhor as ações.

Esta situação foi sensivelmente agravada pela heterogeneidade da tropa que lhe foi posta à disposição. Além das Unidades de Infantaria que colaboravam (2º BC/1 Pel, 4º RI/2 Cias, que se alternavam, 6º RI/1 Cia e elementos do 2º BPE) dispunha de Sub-Unidades de Artilharia de Costa, Artilharia AAé e Artilharia de Campanha, Para-quedistas, Polícias Militar e Civil, Aeronáutica, Marinha etc.

É indispensável que sejam organizados os Comandos de Brigada, mesmo em menor número, mas que disponham de elementos necessários ao exercício de Comando. Organizá-los a penas nominalmente pouco adiantará.

(4) O Preparo do Homem

A tropa empregada na área de operações era orinda, como já dissemos, de quase uma dezena de OM, constituindo assim, um grupo heterogêneo, quanto à formação, ao adiestramento e à subordinação. Isto porque de acordo com o PLANO SEGIN do II EX e de conformidade com a doutrina formulada

... as operações pertencem

terna, ao CACAAé/2 que assumiu, efetivamente, o comando das operações, inicialmente com um efetivo reduzido e que, na medida das suas necessidades foi sendo reforçado pelo II Ex. As operações foram realizadas, também, em período crítico para o II Ex, quanto à disponibilidade de tropa para emprêgo. É a fase em que um grupamento de instrução está em meio à sua formação e o outro está sendo incorporado. Este fato fez com que o II Ex empregasse na área tropas inexperientes e com pouca instrução.

As características da operação que, na realidade, não eram de uma operação contra guerrilha, e sim um tipo de operação policial para captura de fugitivos, para o qual o Exército ainda não dispõe de experiência, acarretou a necessidade de se improvisar e mesmo de se criar alguns métodos para atender às necessidades da operação.

A tropa empregada na área, apesar de já ter tido alguma instrução de antiguerrilha, evidenciou que a instrução recebida tinha sido insuficiente ou mal ministrada. Isto foi verificado na maioria das Unidades, particularmente no que se refere à execução de patrulhas, vasculhamento e serviço em campanha.

A inexistência de uma tropa especializada e experiente, que muitas vezes as características do terreno e da operação exigiam, particularmente quando se teve de lançar mão de patrulhas para vasculhar a mata fechada, foi outro problema que teve que ser enfrentado. Tentou-se solucioná-lo com o emprêgo de um pequeno efetivo de instrutores e monitores do Curso de Operações Especiais da Bda Aet, mas que logo se retiraram da área, face aos compromissos do ano de instrução daquela Brigada.

Além disso, o desconhecimento da área de operações pela maioria da tropa, aliado à falta de cartas atualizadas, em contraste com os terroristas que já a conheciam, dificultou a perseguição e a busca do inimigo.

Vários aspectos têm que ser considerados na preparação do Soldado para a contra-guerrilha:

- O principal é o condicionamento do homem para que acredite e se disponha a fazer esse tipo de luta. Ele tem que ser motivado.

No caso presente, pelo fato do inimigo estar em fuga constante, sempre longe dos olhos da tropa, não oferecendo combate, a não ser no encontro fortuito com a Polícia Militar, assim mesmo quando fogia,

Adulfo

W  
W  
W

*Excluído*

De um modo geral, nas ações de patrulha, em qualquer parada para descanso, o homem se deitava, abria o blusão e esquecia o arma, sem a menor preocupação de segurança.

Também, nas esperas monótonas de cerco e guarda, os homens se distraíam facilmente, exigindo dos oficiais e graduados o maior trabalho.

Além dos aspectos fundamentais da índole do povo brasileiro, não afeito à violência, e da deficiência de nossos programas, métodos e processos de instrução ressalte-se, como dificuldade para preparar os homens, a idade dos jovens conscritos (19 anos), ainda muito imaturos, para enfrentar uma luta cheia de malícia e violência, como a da Guerra Revolucionária, levada a cabo por homens adultos, fanatizados e a serviço de uma ideologia.

Este aspecto não pode ser esquecido e há necessidade de que seja profundamente estudado, para não sermos surpreendidos de modo irreparável.

Como solução imediata, tudo parece indicar a necessidade da profissionalização de parte do Exército, permitindo dispor-se de homens melhor preparados e amadurecidos.

Essa profissionalização não deve corresponder apenas à manutenção no Exército de homens engajados. Ela deve ser planejada e posta em prática mediante execução de programas de instrução rigidamente estabelecidos, que permitam manter sempre o enquadramento do homem e sua eficiência para a luta. Esta solução tem a virtude de evitar as constantes crises dos períodos de desincorporação, como o que acabamos de viver.

Duas linhas de ação podem ser adotadas. A primeira, que é a realizada hoje pelos pára-quedistas. Tê-los numa ou mais Unidades, em condições de acorrer a qualquer parte do Território Nacional. A segunda, criar em um grande número de Unidades, uma fração destinada a esse tipo de operação. Tanto uma como a outra apresenta vantagens e inconvenientes. O importante, porém, é que se os tenha.

Mesmo com essa profissionalização, o restante da tropa deve ser também preparado para esse tipo de ação. Esta preparação deve incidir de modo particular sobre os quadros. Aos conscritos, deve ser ministrada instrução que os reforce física e moralmente, procurando desenvolver-lhes a agressividade. Como na Argentina, a instrução

guerrilhas, deve sofrer limitações, dada a possibilidade de vi-  
vel a ser usadas contra nós, após o retorno à vida civil.

O que é indispensável, porém, é que se disponha de  
meios para ministrar essa instrução, particularmente em á-  
reas apropriadas. Seria de toda conveniência aproveitar a  
Área 2, em REGISTRO, para organizar um campo de instrução.

Desejamos deixar bem claro de que nada adiantará ter  
homens mais velhos nos quartéis se não se dispuser de re-  
cursos em locais de instrução, alimento, munição, combus-  
tível, etc. para a realização de tais d'esses programas de  
instrução.

### c. Considerações Finais

Os ensinamentos que colhemos são de real valor. Cumpre ago-  
ra ter a sensibilidade de defini-los acertadamente. É importan-  
te, porém, que, empolgados pelos atuais acontecimentos, não in-  
corramos no erro pendular de passar de um extremo ao outro, de  
tal modo que, em breve, o Exército Brasileiro não tenha outra  
habilitação, senão a de combater guerrilhas. Precisamos não es-  
quecer que as guerrilhas têm que ser subjugadas, mas que são e-  
ventuais e esporádicas.

É preciso, então, ter em conta que a Prioridade não tem  
força para desclassificar a Essencialidade. Por tudo isso é pre-  
ciso não esquecer que combater os movimentos insurrecionais é a  
penas uma das finalidades do Exército.

Consideramos que o inimigo, embora ainda não o desejasse,  
atingiu a um dos objetivos da guerrilha rural, obrigando-nos a  
um desgaste pelo emprego de efetivo relativamente elevado para  
um tão pequeno número de guerrilheiros.

Consideramos que o inimigo, sem nenhum vínculo com o terre-  
no ou com qualquer estrutura militar, objetivava apenas e de  
qualquer maneira, "salvar a pele" e nunca oferecer combate. Por  
isso, talvez, nem se possa considerar a OPERAÇÃO REGISTRO como  
uma ação contra-guerrilha, mas apenas mera perseguição a fugiti-  
vos.

Sabemos que deixamos de obter uma vitória total pelo aprí-  
sionamento de todos os terroristas, mas essa vitória nunca se  
sentiu ameaçada pela ação do inimigo. Foi apenas decorrente da  
falha de um homem, que não cumpriu as medidas de segurança reco-  
mendadas, por covardia, não aproveitou as oportunidades que o  
destino lhe ofereceu, impedindo que se conseguisse a destruição  
total do inimigo.

Julgar, como pretendem alguns, o resultado de uma operação  
militar pela evasão de quatro indivíduos

to especiais, não se conduta com o bom senso e é simplesmente ridículo.

Destruímos a organização incipiente do inimigo, apossamo-nos de suas áreas de treinamento e aprisionamos vários de seus principais elementos, apesar de tôdas as condições adversas: a mata densa, a extensão da área, a instrução da tropa, o equipamento deficiente, o armamento obsoleto e inadequado. Nossa tropa, à medida que o tempo passava, melhorava sensivelmente, particularmente no aspecto moral, o que aumenta a nossa confiança em sua capacidade de reagir positivamente às circunstâncias adversas, sendo apenas necessário aprimorar a sua formação.

A experiência adquirida foi proveitosa e nos permitiu, desde já, levantar vários erros de estrutura e instrução, propiciando sua melhoria. Permittiu-nos sentir a inadequação de alguns equipamentos e suprimentos, aconselhando-nos, desde logo, a adotar medidas para melhoria de seus padrões. Conseguimos, de modo magnífico, realizar uma positiva integração do Exército, Aeronáutica e Marinha, reforçando a confiança mútua já existente entre nós. Parece-nos que a OPERAÇÃO REGISTRO doitou um saldo francamente favorável.

Focalizamos até agora a OPERAÇÃO REGISTRO e dela tiramos todos os ensinamentos militares mais importantes e, para finalizar, gostaríamos ainda de ressaltar os seguintes aspectos :

A repressão à subversão e ao terrorismo que estamos todos realizando, quase exclusivamente à base de ações militares, embora necessária e indispensável, por si só nada resolve se, paralelamente, não tentarmos eliminar os focos de infecção que alimentam seus quadros e que têm origem, principalmente, nas Escolas e Universidades do país. É impressionante a constatação desse fato. Cerca de 98% dos subversivo-terroristas presos, têm origem nas escolas de filosofia e de ciências sociais do país.

É também imprescindível e necessário que se tente atenuar, pelo menos, o foco de infecção externo da CUBA, principal responsável pelo preparo e adiestramento dessas homens que, periodicamente, injeta nas fileiras subversivas de toda a AMÉRICA.

Outro imprescindível meio que se impõe, é o desencadeamento de uma intensa e planejada ação psicológica, de âmbito nacional, visando a conquista da população e o revigoração dos excelentes predicados cívicos, morais e religiosos que formam a mentalidade do nosso povo, bom e generoso.

Estado de

Estamos certos de que a conjugação dessas três formas de ação, levar-nos-á, seguramente, ao total desmantelamento das organizações subversivo-terroristas que agem em nosso país.

a) Gen Ex JOSÉ CANAVARRO PEREIRA  
Comandante do II Exército

- ANEXO nº 1 - Relação do material mais importante apreendido na 1ª Fase das Operações
- ANEXO nº 2 - Relato sobre a Patrulha do RIO DOIS IRMÃOS
- ANEXO nº 3 - Relato sobre o seqüestro da Viatura do 2º RO 105, por LAMARCA e outros. ↓

C O N F E R E : *Ernani Ayrosa da Silva*  
Gen Bda ERNANI AYROSA DA SILVA  
Ch E M / II Exército



ANEXO Nº 2 AO RELATÓRIO DA OPERAÇÃO REGISTRO

PATRULHA DO RIO "DOIS IRMÃOS"

(Estrada do Banco)

(transcrição literal do relatório apresentado pelo Cmt do 2ºRO105)

1. NARRATIVA

a. Patrulha

2º Ten R/2 JOSÉ CARLOS BERTI FELLINI (2º RO 105 - Cmt)

2º Ten R/2 WALTER AFRANCHES FACINETTI (5º GCan90AAé)

1º Sgt BRILIO JACINTO FILHO (2º RO 105)

Cabo MARIANO ALVES DE AMEIDA (2º RO 105)

Soldado PAULO LUISAO SALGUEIRA (5º GCan90AAé)

Soldado JESUS CARLOS DA SILVA (2º RO 105)

Soldado REITORI DE SAPO (2º RO 105)

Soldado JOSÉ ANTÔNIO STUCHI (2º RO 105)

Soldado PEDRO LUIZ STUCHI (2º RO 105)

Obs: Os elementos do 5ºGCan90AAé estavam integrando a patrulha, em cumprimento a determinação contida na Ordem de Operações nº 7, de 30 Mai 70, do Cmt do Destacamento de Sete Barras, que passou o 5ºGCan90AAé para o controle operacional do 2º RO 105.

b. Inimigo (guerrilheiros fugitivos)

Ex-Cap Carlos Lamarca

Yoshitane Fugimore

Ariston Lucena

Rogério

c. Missão recebida

A patrulha comandada pelo Ten Fellini recebeu a missão para, numa operação sigilosa de emboscada, cercar pelo flanco direito o local onde se daria o encontro de um grupo de guerrilheiros fugitivos com um morador da região, o qual iria lhes entregar certa quantidade de mantimentos encomendados na véspera.

Outra patrulha recebeu a missão de fechar o flanco esquerdo e já estava se dirigindo para a região, quando se deu o encontro da patrulha do Ten Fellini com o grupo de guerrilheiros - (ver croqui anexo).

d. Execução

*Exda*

Recebida a missão, a patrulha comandada pelo Ten Fellini, saindo da "xiboca" (Armazém) do L.G.F.O., se dirigiu para a região prevista, sendo que na frente ia o mateiro RAIMUNDO, seguido pelo soldado Paulo Masao Sakihama (52 GCAN90AAé) que estava a paisana e portando uma carabina .30, vindo logo em seguida o restante da patrulha. Durante o trajeto a patrulha se deslocava mais ou menos a vontade, pois a não ser o seu comandante que conhecia a missão, ninguém sabia exatamente sua missão específica e nem como se comportar nas diversas situações que poderiam ocorrer. O mateiro que deveria seguir junto com o comandante da patrulha para assessorá-lo, "a cada momento", sobre os problemas da região (trilhas, passagens perigosas, local de moradores, tipo de mata, etc) e, particularmente, sobre o arrozal que seria o ponto de encontro, se desgarrou na frente da patrulha com o soldado Paulo. Chegando ao arrozal, o mateiro RAIMUNDO e o soldado Paulo, atravessaram o mesmo sem preocupação e tomaram a trilha penetrando na mata, ocasião em que se depararam com um guerrilheiro parado no meio da trilha a espera dos mantimentos encomendados. O mateiro RAIMUNDO logo que se viu cara a cara com o guerrilheiro o cumprimentou com um "boa tarde", ocasião em que o mesmo percebeu a presença do soldado a paisana armado de carabina e possivelmente também dos primeiros elementos da patrulha que já estavam atravessando o arrozal, em direção a trilha. O guerrilheiro exclamou "Olha a Fôrça" e se atirou na mata em direção de seus companheiros que estavam próximos, ocasião em que o mateiro RAIMUNDO se atirou para o lado oposto e o soldado Paulo voltou em desabalada corrida em direção ao restante da patrulha que estava pouco atrás, já no arrozal. Tanto o mateiro RAIMUNDO como o soldado Paulo declararam ter ouvido o barulho característico de engatilhar armas, logo após o guerrilheiro ter exclamado "Olha a Fôrça", sendo que na ocasião o mateiro RAIMUNDO divisiu mais três elementos que estavam na mata, a poucos metros da trilha. Após este encontro inesperado, a patrulha e seu comandante permaneceram inertes e abrigados atrás dos tocos existentes no arrozal, por algum tempo, para logo em seguida se retirarem seguindo um ângulo de 90 graus à esquerda, até duas choupanas próximas e depois seguindo um ângulo de 180 graus (para a retaguarda) até a estrada do Parco, distante aproximadamente um quilômetro e meio do local. Vale que ressaltar o fato do Ten Fellini, na oportunidade, ter declarado ao Cabo Ma



## 2. CONCLUSÕES

→ O 2º Ten R/2 JOSÉ CARLOS FERREZ BELLI, comandante da patrulha, em  
bora já possuindo a experiência de cinco anos e meio de serviço mi-  
litar, sendo dois anos e meio como oficial em serviço ativo em u-  
nidade de tropa, ao receber uma missão de tamanha relevância - pois  
não só seria o coroamento de uma custosa operação militar que du-  
rara quarenta dias, como iria livrar o povo brasileiro da presen-  
ça nefasta e perigosa de quatro bandidos e terroristas sanguiná-  
rios - não se preocupou em tomar as providências mais primárias  
que cabem a qualquer chefe militar; não demonstrou a mínima dis-  
posição para a luta, se comportando covardemente ante os terroris-  
tas fugitivos, dos quais esteve há alguns metros de distância e  
vergonhosamente retirou sua patrulha deixando que os mesmos se e-  
vadissem sem trocar um tiro sequer; demonstrou solteiramente não  
possuir condições mínimas de comando, chefia e liderança, pois foi  
de encontro aos guerrilheiros sem traçar normas, linhas de ação -  
prevendo todas as situações possíveis de acontecer e sem informar  
seus comandados da importância da missão, dos deveres e dos cuida-  
dos de cada um; não procurou encorajar, incentivar e empolgar -  
seus comandados, para o cumprimento da importante missão; embora  
possuindo o precioso auxílio do matairo RAIMUNDO, conhecedor pro-  
fundo da região, não o usou um só momento, deixando que o mesmo -  
deslocasse a frente a seu bel prazer, com um soldado bisonho (qua-  
tro meses de serviço) que além de não conhecer especificamente a  
sua missão, não reunia condições mínimas face aos quatro terroris-  
tas fugitivos, homens experimentados, decididos e sanguinários, a-  
lém de bons atiradores; embora sabendo que a missão seria difí-  
cil, não procurou reunir todos os elementos de seu grupo (dez ho-  
mens), pois além da metade de seus elementos não terem participa-  
do da operação, permitiu que sua patrulha se esfacelasse; demons-  
trou total descaso pela missão, pois embora já contasse que seria  
o responsável pela mesma, desde as nove horas daquele dia, não to-  
mou providências alguma para que a missão obtivesse êxito; ainda  
no local do encontro já estava convicto que havia cometido erros  
mas nada fez para saná-los; a alegação de que bateu em retirada  
e procura de refúgio e que não encontrou combate ou perseguiu os  
guerrilheiros por estar com efetivo reduzido é totalmente infan-  
til e descabida, pois sabia que outra patrulha estava se deslocan-  
do para a área e também tinha certeza que seu efetivo era superior  
ao número de guerrilheiros. A patrulha não cumpriu sequer uma de  
suas missões e ainda levou ao r. l.º ra total toda uma "operação de  
cêrco e sigilo" que estava em curso, por absoluta falta de lide-

3. REQUISITOS

a. Pessoal

- (1) - A instrução atual prevista é insuficiente. É necessário dedicar atenção especial à instrução antiguerrilha, em ambientes e terrenos apropriados. O ideal seria que toda unidade dispusesse de uma fração de tropa (subunidade) dedicada exclusivamente à atividade antiguerrilha urbana e rural.
- (2) - Empregar exclusivamente como subalternos desta subunidade oficiais da AMM; como Sgt de GC e auxiliares, Sgt e cabos voluntários e dispostos para este tipo de missão.

b. Armamento

Emprego de uma arma leve e automática.

c. Uniforme e Equipamento

- (1) - Uniforme resistente e camuflado (tecido especial); uso de roupa civil, na maioria dos casos.
- (2) - Equipamento leve e padronizado, proporcionando condições para que o homem sobreviva na selva por setenta e duas horas. -

Gen Ed. JOSÉ GILVARRRO PEREIRA  
Chefe do II Exército

ANEXO: apêndice nº 1.

CONFERE: Ermani Ayrosa da Silva  
Gen Ed. ERMANI AYROSA DA SILVA  
Chefe do II Exército

São Paulo, SP, 20 Jun 70

- AEXO Nº 3 AO RELATÓRIO DA OPERAÇÃO REGISTRO -

- EPISÓDIO DO SEQUESTRO DA VIATURA EM QUE SE EVADIRAM LAMARCA E OUTROS -

(transcrição literal do relatório apresentado pelo Cmt do 2ºR0105)

1. NARRATIVA

a. Viatura, Guarnição e Destino

- Aproximadamente às 15,00 hs do dia 31 de maio, o 2º Sgt KOGI KONDO, 17 anos de serviço, CM Comunicações, tomou a direção da viatura Mercedes Benz EE-21-1/626, com os Soldados PAULO ROBERTO MOTA, JOSÉ CARLOS DOMITTI, MIGUEL CARRERA e NÉLIO DA SILVA FREITAS FILHO, todos incorporados a 15 Jan 70, a fim de buscar água para o Rancho. Os soldados seguiram desarmados e o próprio Sgt Kondo, armado apenas de pistola.
- Dirigiram-se do Km 210, LIMPEIRA, à FONTE TAMPA, Km 224 da rodovia SETE LIRRAS - SÃO MIGUEL ARCANJO. (Fora do círculo) - Apêndice nº 1.

b. Local da Ocorrência

Entre os Km 229 e 230 - Apêndice nº 1.

c. Processo de realização

- Um indivíduo em traje civil, usando coturnos marrons, postado do lado direito da estrada, um sacco no chão, pedindo carona. O Sgt Kondo parou a viatura e perguntou ao civil de onde era e para onde desejava ir.
- O Sd CARRERA, que se encontrava na cabine da viatura, viu um revólver na cintura do civil e gritou: "é terrorista, Sgt !"
- Ato contínuo, o civil sacou de sua arma, apontou para o Sgt e os dois soldados que ocupavam a cabine da viatura e outros três elementos, armados de metralhadora IM, atacaram pela esquerda, tomando o dispositivo mostrado no Apêndice nº 2.

d. Trajetória percorrida pela viatura e fatos durante o percurso

- Assaltada a viatura, LAMARCA e FUJIMORE intimaram os quatro soldados a que, na carroceria da viatura, tirassem suas fardas e, só de calção ou cueca, deitassam-se de lado, de barriga para cima.

CRADA

Os dois terroristas vestiram as fardas por cima do traje civil. Determinaram ao Sgt Fondo que perseguisse no volante da viatura, acompanhado na cabine pelos outros dois terroristas, ainda em trajes civis. Rodados alguns quilômetros, determinaram que a viatura parasse, oportunidade em que os terroristas que se encontravam na cabine, vieram até a carroceria e também se fardaram, sendo que FUJIMORE vestiu a gandola do Sgt Fondo e deu a este, uma gandola de soldado.

A partir deste momento, FUJIMORE passou ao volante da viatura, o Sgt Fondo no meio e um terrorista na frentada, armado de metralhadora III. Na carroceria seguiram LAMARCA, um terrorista e os quatro soldados. Apêndice nº 3.

- Pararam para saltar o pipe que estava encostada na viatura e que quebrara uma ponta do eixo.
- Pararam para FUJIMORE dizer um segredo a LAMARCA.
- Pararam diante de uma fazenda, oportunidade em que o Sgt Fondo satisfaz necessidades fisiológicas.
- Pararam para falar com o 3º Sgt CARLOS R. RÔ LO FIEL, do 2º RO 105 e que se encontrava cumprindo missão nas proximidades do TACUARAL. Apêndice nº 1.
- Passaram pelo TACUARAL, onde se encontravam dois oficiais e dois sargentos do 2º RO 105, a missões, realizando uma "campanha". O Sgt Fondo sabia da presença desses elementos no TACUARAL, pois fôra alertado pelo Sgt CARCOS.
- Pararam novamente num posto de gasolina em São Miguel Arcanjo, oportunidade em que abasteceram a viatura e compraram mantimentos.
- Prosseguiram viagem por GRAMADUÇA, TRAVE TINGA, MATUI e rodovia CASPELO FRANCO. Chegaram em São Paulo aproximadamente às 22,30 hs, parando a viatura na MARGEM DO TETÊ, em frente à Refinaria de ML - Brasil.

A seguir os terroristas se desfizeram dos uniformes, determinaram que o Sgt Fondo e os soldados se vestissem, amarraram-nos e os amordagaram na carroceria da viatura e saíram para rumo ignorado.

## 2. CONCLUSÕES

- Edu*
- a. O Sgt Kondo foi o responsável pelo fato de os soldados estarem desarmados, pois leviam ordens terminantes a esse respeito; ê le mesmo estava sem sua metralhadora III.
  - b. Faltou vivacidade ao Sgt Kondo quando parou para atender a um pedido de "carona", pois sabia da possibilidade da existência de elementos suspeitos ao norte.
  - c. Faltou vivacidade para sinalizar, de modo taxativo, o perigo em que se encontravam, quando falou com o Sgt MARCOS, após o sequestro da viatura.
  - d. Faltou determinação e coragem ao Sgt Kondo:
    - quando a viatura foi assaltada;
    - quando encontrou e conversou com o Sgt MARCOS;
    - quando passou pelo TAC MRL; e
    - em São Miguel Arcanjo, quando pararam para abastecer a viatura e comprar mantimentos.
  - e. Foi ardiloso, frio e cruel quando "ensinou a lição" a ser repetida pelos jovens conscritos, sobre como ocorreram os fatos (após se libertarem dos amarras, em São Paulo, o Sgt Kondo determinou aos recrutas que descreva uma versão falsa de como os fatos ocorreram). Cumpre ressaltar que não mostrou estas qualidades para eliciar a ação dos terroristas.

## 3. ENSINAMENTOS

- a. Nas operações de guerrilha não há retaguarda - podem ser espradas ações em qualquer época e local.
- b. Em viaturas isoladas, particularmente, impõe-se guarnição de segurança. No 29/29R0105 fôza estabelecida a norma de cada viatura contar sempre com um chefe de viatura, motorista e três soldados encarregados da segurança.
- c. Essas soldadas não necessitam da situação de guerra em que vivos. Há que vigiá-los em todos os momentos.
- d. O estabelecimento da "rodada de rotina" para ser empregada nas mais variadas circunstâncias, faz-se obrigatório.
- e. Os elementos a serem empregados deve ter não apenas uma boa instrução (habilidade), mas particularmente aptidão (arrôjo, gosto pelo ação, iniciativa, participação, coragem, etc) para

(continuação do ANEXO nº 3 DO RELATÓRIO DA OPERAÇÃO REGISTRO - Fl 4)

Dai poder ser afirmado que o valor da aptidão sobrepuja o da habilitação militar, embora, obviamente, esta se imponha.

Cap Ex JOSÉ CARLOS VARRO PEREIRA  
Cmt do II Exército

ANEXO: apêndice nº 1  
apêndice nº 2  
apêndice nº 3

CONFERE: Ermano Ayrosa da Silva

Gen Bda ERMANO AYROSA DA SILVA

Chefe do M./II Exército